

Ariel Gitz

**ANÁLISE DAS METODOLOGIAS DE TREINAMENTO DA EQUIPE DE FUTSAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre
2016**

Ariel Gitz

**ANÁLISE DAS METODOLOGIAS DE TREINAMENTO DA EQUIPE DE FUTSAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser

**Porto Alegre
2016**

Ariel Gitz

Conceito final:

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

- UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Rogério da Cunha Voser- UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família por sempre me incentivarem a alcançar o meus objetivos.

Agradeço à minha namorada, parceira para todos os momentos.

Gostaria de agradecer ao professor Rogério da Cunha Voser, pela orientação acadêmica e por sempre estar disponível para me auxiliar nos obstáculos deste processo.

Por fim, um agradecimento especial aos componentes das equipes de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atletas, comissão técnica e agregados. O período que participei destas equipes foi especial para mim e ficará guardado com carinho na minha memória.

RESUMO

Este estudo de cunho qualitativo, descritivo e exploratório tem por objetivo analisar as metodologias utilizadas nos treinamentos da equipe de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, descrevendo a estrutura dos treinos e buscando justificativas para as escolhas metodológicas propostas pelo treinador. A pesquisa teve como participante o treinador desta equipe, através de uma entrevista gravada semiestruturada, além da observação e registro em diário de campo de oito sessões de treinamento ocorridas no Campus Olímpico da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID). As categorias de análise dos resultados obtidos foram constituídas pelas principais metodologias da área do treinamento de Futsal, sendo estas os Jogos Condicionados, as Atividades Situacionais, o Jogo Formal, as Atividades Recreativas e as Atividades Analíticas. Foi possível perceber uma estruturação básica nos treinamentos da equipe, sendo esta acompanhada de uma progressão didática. Os dados demonstraram a presença marcante da metodologia de Jogos Condicionados e Atividades Situacionais nos treinamentos, além da utilização do Jogo Formal e de Atividades Recreativas. Ao longo dos treinos observados não foram aplicadas Atividades Analíticas. A escolha metodológica do treinador é justificada essencialmente pela necessidade que o jogo de Futsal exige dos atletas atualmente, sendo valorizada intensamente a inteligência tática e a tomada de decisão rápida e coerente às situações impostas pelo jogo. Além disto, acredito que as experiências de vida, como a iniciação esportiva, a formação acadêmica e especializações profissionais, são fatores relevantes na construção do perfil deste treinador, portanto, influenciando suas escolhas metodológicas.

Palavras chaves: Futsal. Metodologias. Treinamento Esportivo.

ABSTRACT

This study of qualitative, descriptive and exploratory nature aims to analyze the methodologies used in the Futsal team training at the Federal University of Rio Grande do Sul, describing the structure of training and seeking justifications for the methodological choices proposed by the coach. The participant of the research was the coach of this team, through a recorded semi-structured interview, and an observation and journaling of eight field training sessions that took place at the Olympic Campus of the School of Physical Education, Physiotherapy and Dance (ESEFID). The categories of analysis of the results consisted in the main methodologies of the Futsal training area, which are the Conditioned Games, the Situational Activities, the Formal game, the Recreational Activities and Analytical Activities. It was possible to realize a basic structure in team training, which is accompanied by a teaching progression. The data showed the strong presence of the methodology of Conditioned Games and Situational activities in training, in addition to the use of Formal Game and Recreational Activities. Over the observed practice were not applied Analytical activities. The methodological choice of coach is essentially justified by the need that the Futsal game requires currently, being intensely valued tactical intelligence and making quick and consistent decision to situations imposed by the game. In addition, I believe that the experiences of life, such as the sports initiation, academic and professional specializations, are relevant factors in building the profile of this coach, thus influencing his methodological choices.

Key words: Futsal. Methodologies. Sports training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REVISAO DE LITERATURA	11
2.1 FUTSAL: O HISTÓRICO.....	11
2.2 FUTSAL: O JOGO.....	15
2.3 METODOLOGIAS DO ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS..	16
2.4 METODOLOGIAS DO ENSINO DO FUTSAL.....	23
3 METODOLOGIA	30
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	30
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	30
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES.....	31
3.4 OPERACIONALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	32
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	33
4.1 ESTRUTURA DOS TREINAMENTOS.....	33
4.2 METOLOGIAS DO TREINAMENTO.....	35
5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE 1 - DIÁRIO DE CAMPO	52
APÊNDICE 2 - ENTREVISTA	65
ANEXO 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido	69

1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar este trabalho de conclusão de curso encerro um ciclo de aproximadamente seis anos como estudante da graduação em Licenciatura e Bacharelado em Educação Física da UFRGS. As experiências vividas ao longo deste processo foram decisivas na minha formação enquanto acadêmico/professor/treinador e moldaram minhas características profissionais e pessoais. Neste trabalho final do curso de Bacharelado em Educação Física tenho como tema central o treinamento esportivo e suas metodologias de ensino, focando no esporte de minha preferência, o Futsal. Ao iniciar esta pesquisa, creio ser essencial uma breve retrospectiva relacionada a minha trajetória pessoal e profissional no Futsal.

Ao longo destes anos de graduação aproveitei diversas oportunidades para estagiar e trabalhar na área do ensino e treinamento esportivo. Meu primeiro estágio nesta área foi no Colégio Israelita Brasileiro, como auxiliar nas escolinhas de Futsal. Tive um contato inicial muito positivo com o ensino esportivo, me fazendo buscar novas experiências. Trabalhei como bolsista do PIBID (Programa Institucional com Bolsa de iniciação a Docência) por 2 anos, atuando na área da Educação Física escolar. Neste período amadureci muito como docente, desenvolvendo recursos e conhecimentos essenciais para minha prática como educador. Em 2014, através de uma parceria com um clube de Porto Alegre, criei uma escolinha de futsal para crianças que comando até hoje em conjunto com um colega de profissão. Porém minha experiência profissional mais relevante até o momento em relação ao treinamento esportivo iniciou em 2015, ingressando na comissão técnica da equipe feminina de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta equipe pude vivenciar como auxiliar técnico e treinador de goleiras a rotina de uma equipe universitária de alto nível estadual e nacional. Através destas experiências desenvolvi minhas habilidades profissionais na área do treinamento esportivo e comecei a apreciar cada vez mais a ideia de seguir neste ramo de trabalho. Além destas experiências fundamentais na minha escolha profissional, acredito que minha trajetória como praticante e atleta deste esporte foi muito significativa para o meu desenvolvimento esportivo e para minha formação acadêmica.

Meu interesse pelo Futsal iniciou nos primeiros anos escolares, nas aulas de Educação Física e nas escolinhas esportivas. Antes dos 5 anos a bola já começava

a ser minha parceira inseparável. Minha vida escolar caminhou junto com o meu desenvolvimento esportivo, especialmente em relação a prática do Futsal. No Colégio Israelita Brasileiro, escola na qual estudei desde o maternal até me formar no ensino médio, tive a chance de aprender e competir neste esporte desde os primeiros anos, participando das equipes de futsal da escola em diversos torneios. Sempre mantive um nível técnico avançado em relação a maioria dos meus colegas, figurando normalmente entre os titulares da equipe e sendo até indicado por um treinador para participar de equipes de base de um clube de Porto Alegre. Além de competir, criei o gosto pelo treinamento em si, pelo aperfeiçoamento e pela disciplina. Aprendi a gostar dos desafios propostos nos treinamentos, de resolução de problemas durante o jogo, sem perceber que nestes desafios e soluções estavam meus primeiros contatos com as metodologias de treinamento do Futsal.

Ao entrar no curso de Educação Física da UFRGS pude vivenciar também os projetos de extensão esportiva desta instituição. Deste modo, comecei a participar como atleta da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Considero esta experiência como a mais importante vivência esportiva que tive em relação ao treinamento esportivo do Futsal em minha trajetória até hoje, tanto como praticante quanto como treinador. Ao ingressar na equipe percebi a vastidão de conhecimentos e habilidades que eu ainda teria para aprender. O nível técnico e tático dos meus companheiros de equipe estava em um patamar que eu ainda não havia experienciado, me fazendo sair da “zona de conforto” em praticamente todos os treinamentos. Além disso, o nível de entendimento tático exigido nas atividades é alto, sendo necessária uma concentração e inteligência elevada para acompanhar o ritmo do grupo.

Refletindo as experiências que tive em relação ao treinamento esportivo do Futsal, comecei a tentar enxergar além do treino em si. Tenho buscado um entendimento mais profundo em relação aos objetivos propostos pelo treinador e o modo como as atividades são organizadas, ou seja, em relação a metodologia de ensino escolhida pelo treinador. Segundo Santana (2004), o professor deve escolher o método de ensino que irá aplicar com base no seu público alvo. Voser (2003) traz o professor como um orientador e facilitador nas atividades propostas, buscando uma participação consciente dos seus alunos. Deste modo, se pode afirmar que a metodologia de ensino é um meio para alcançar os objetivos propostos para um determinado grupo de alunos, considerando suas peculiaridades. Método,

portanto, refere-se ao caminho a ser percorrido para atingir tais objetivos (VOSER, 2003).

As experiências que obtive no treinamento do Futsal, principalmente no que se refere a vivência com a equipe de Futsal da UFRGS como atleta, aliadas as minhas reflexões relacionadas as questões de metodologias aplicadas apresento as seguintes questões de pesquisa:

- Como são estruturados os treinamentos desta equipe?
- Quais são as metodologias de ensino utilizadas pelo treinador?
- Qual a justificativa da utilização destas metodologias?

Este trabalho propõe como objetivo geral **analisar as metodologias de ensino utilizadas pelo treinador da equipe de Futsal masculina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.**

Decompõem-se nos seguintes objetivos específicos:

- Descrever a estrutura dos treinamentos da Equipe de Futsal UFRGS;
- Identificar e descrever as metodologias utilizadas pelo treinador durante os treinamentos;
- Relacionar os objetivos propostos pelo treinador com as metodologias de treino escolhidas por este.

A seguir será apresentada a revisão de literatura, que dará o respaldo teórico a pesquisa, partindo de um breve histórico da criação e desenvolvimento do Futsal no mundo, progredindo para o embasamento científico relacionado às metodologias de ensino dos Jogos Esportivos Coletivos e do Futsal.

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 O FUTSAL: o histórico

Atualmente o Futsal é praticado em diversos países, sendo um dos esportes mais populares do mundo. Dentre as nações que o praticam podemos destacar a Espanha, Brasil, Argentina, Itália, Portugal, Rússia, Uruguai entre outros. Em relação a prática esportiva do Futsal no Brasil, Santana (2004) afirma que se trata do esporte com o maior número de praticantes no país. A grande popularidade deste esporte no nosso país deve-se muito ao dinamismo do jogo em si, fator que atraiem adultos e crianças. Este fator é resultado de diversas mudanças nas regras do esporte ao longo do tempo, da evolução na preparação física dos atletas e da profissionalização das comissões técnicas (VOSER, 2003). Outra característica ímpar relacionada a popularização do Futsal no Brasil remete ao processo de urbanização ocorrido na maioria das grandes cidades do país, fazendo com que crianças trocassem suas brincadeiras e “peladas” de rua por atividades em quadras esportivas de escolas, clubes e condomínios (SANTANA, 2005). Além disso, a praticidade de jogar uma partida de Futsal, necessitando apenas de uma bola, um espaço e poucos jogadores, fez com que este esporte se propagasse e se tornasse uma prática nacional.

Existem duas versões históricas em relação a origem do Futsal como esporte, ocorrendo até hoje divergências sobre quem seriam os inventores do esporte: uruguaios ou brasileiros. A versão mais aceita pelos pesquisadores é a de que as primeiras práticas de Futsal foram feitas no Uruguai, no ano de 1934, na Associação Cristã de Moços (ACM) de Montevideú. A outra versão aponta uma origem brasileira, afirmando que a prática do Futsal se iniciou na ACM de São Paulo. Segundo Tenroller (2004), uma análise da cronologia dos fatos históricos relacionados a criação deste esporte nos levam a crer na possibilidade da origem do Futsal no Uruguai. Entretanto, existe uma complexidade ao tentarmos esclarecer a verdadeira origem do Futsal, visto que não existem documentos concretos que comprovem a criação deste (MELO; MELO, 2008). Deste modo, não tenho pretensão de solucionar esta polêmica e sim de exemplificar os fatos históricos que resultaram na criação deste esporte.

O momento histórico que o Uruguai vivia na década de 20 criou um cenário muito convidativo a prática esportiva. Após sagrar-se campeã olímpica de futebol em 1924 e 1928 a equipe uruguaia sediou e venceu a Copa do Mundo de Futebol de 1930. Assim, Montevideú aparecia como o centro do futebol mundial, desencadeando uma paixão dos uruguaios pelo esporte. Conforme esta popularidade crescia, mais praticantes surgiam, causando conseqüentemente uma falta de espaços para jogar e criando-se assim a necessidade de adaptar a prática do futebol a novos espaços. Portanto, diversos espaços começaram a ser utilizados para jogar futebol, inclusive salões de baile e quadras de basquete (VOSER, 2003; TENROLLER, 2004). As pessoas praticavam futebol de forma recreativa em ruas, ginásios, quadras e salões de clubes, sem preocupações relacionadas as regras gerais do esporte (MELO; MELO, 2008).

A partir deste cenário histórico, aliado com a prática do futebol de forma recreativa e sem adesão a regras formais, Juan Carlos Ceriani, professor de Educação Física da ACM de Montevideú, enxergou a possibilidade de transformar estes jogos em uma prática mais organizada. Em 1933 ele redigiu as primeiras regras do esporte que hoje chamamos de Futsal, sendo este essencialmente baseado no futebol, e tendo regras adaptadas de outros esportes como do Basquetebol (número de atletas e tempo de jogo), do Pólo Aquático (regulamentação do goleiro não poder sair da área), do Handebol (trave e área) (VOSER, 2003). Como o espaço de jogo era pequeno e a bola repetidamente saía da quadra, esta teve seu peso aumentado e tamanho diminuído. Ceriani denominou o esporte inicialmente de Indor-foot-ball, o qual rapidamente se disseminou entre adultos e crianças.

Em virtude de um curso patrocinado pelo Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das ACMs, no qual diversos representantes das ACMs da América do Sul se fizeram presentes, foram distribuídas cópias das primeiras regras do Indoor-foot-ball. Os representantes brasileiros estiveram presentes e levariam esta prática para a ACM de São Paulo, posteriormente fazendo com que o esporte se propagasse pelo Brasil. Em contrapartida, a outra versão da origem do Futsal afirma que a prática do futebol em quadras adaptadas já existia na ACM de São Paulo em sua forma recreativa, sem regras formais. Independente desta polêmica, em meados da década de 30 e início da década de 40 a prática deste esporte era feita na maioria das ACMs da América do Sul e acabou se transformando até mesmo em um

problema disciplinar, sendo recomendado pela Confederação de Diretores de Educação Física das ACMs que a atividade fosse exercida apenas por crianças.

Segundo Voser (2003) e Melo e Melo (2008), a ACM de São Paulo foi a única a manter a prática para adultos, o que favoreceu muito a divulgação do futebol de salão em âmbito nacional. Habib Maphuz, professor da ACM de São Paulo, foi um dos grandes responsáveis pelo incentivo do futebol de salão nesta instituição, sendo mencionado por muitos como um dos “pais” do Futsal, ao lado de Ceriani.

Um dos marcos importantes na história do Futebol de Salão no Brasil ocorreu em 1936, quando Roger Grain publicou um escrito sobre o Futebol de Salão na revista Brasileira Educação Física, descrevendo as normas e regulamentações deste novo esporte (VOSER; GIUSTI, 2015; TENROLLER, 2004)

Com o início do processo de popularização do Futebol de Salão em São Paulo, e posteriormente no Rio de Janeiro, vários clubes começaram a praticar o esporte, criando-se assim a necessidade de um órgão que assumisse a responsabilidade pela organização de torneios. Em 1954 foi fundada a Federação Metropolitana de Futebol de Salão do Rio de Janeiro, seguida pela criação das federações de Minas Gerais, São Paulo e de diversos outros estados. Com a difusão do Futebol de Salão no território brasileiro, foi criada através da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) o Conselho Técnico de Futebol de Salão, em 1958. Como consequência, as regras do esporte foram unificadas no país, sendo determinado o número de cinco atletas em quadra por equipe, ocorrendo finalmente o primeiro campeonato brasileiro da modalidade, o qual ocorreu em 1959 na cidade de São Paulo e teve como vencedora a seleção do Rio de Janeiro (MELO; MELO, 2008).

O Futebol de Salão foi ganhando adeptos por todo o mundo, sendo difundido em vários países da América do Sul e pelo mundo afora. Em 1969 foi criada a Confederação Sul-americana de Futebol de Salão, que juntamente com a CBD fundou em 1971 a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA), contando com a filiação de 32 países e unificando as regras de forma global. Em junho de 1979, partindo de uma mudança na estrutura esportiva do país, a CBD deixou de existir e foi criada enfim a Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), filiada a FIFUSA.

No decorrer da década de 80 a Federação Internacional de Futebol (FIFA) percebeu que o Futebol de Salão apresentava um grande potencial rentável e

apresentou sua vontade de “controlar” este esporte mundialmente. Assim se iniciou uma longa disputa entre a FIFUSA e a FIFA pelo monopólio do Futebol de Salão. Após anos de polêmicas e tentativas frustradas de acordo com a CBFS, a FIFA criou o Futebol de Cinco como um concorrente ao Futebol de Salão, fazendo o primeiro campeonato mundial em 1989 na Holanda, tendo o Brasil como equipe vitoriosa. Em 1990 a FIFA obteve sua grande vitória em relação a FIFUSA, conseguindo finalmente a filiação da CBFS ao seu quadro de federações. Esta grande mudança, segundo Melo e Melo (2008), foi de suma importância para a FIFA, visto que o Brasil era a maior federação filiada a FIFUSA, possuindo muitos clubes e os melhores jogadores do mundo. Além disso, os autores afirmam que a filiação à FIFA foi muito positiva para o Futsal brasileiro, visto que as mudanças de regras e a organização de campeonatos fizeram do esporte um espetáculo rentável e muito popular no mundo todo. A partir destas mudanças, as quais trouxeram grande visibilidade ao esporte, a denominação Futsal tem sido a mais utilizada globalmente.

A partir do momento em que a FIFA assumiu o gerenciamento do esporte de maneira global a Seleção Brasileira de Futsal Masculino, segundo dados da CBFS, venceu cinco torneios mundiais (1989, 1992, 1996, 2008 e 2012), enquanto a Seleção da Espanha venceu duas vezes (2000 e 2004). Atualmente podemos enxergar uma grande evolução técnica e tática em diversas outras equipes europeias e da América do Sul, apresentando um alto nível de organização e uma estrutura qualificada (VOSER, 2003). O Mundial de Futsal Masculino de 2016, a ser realizado na Colômbia, contará com equipes de alto nível competitivo e podemos esperar um equilíbrio técnico e tático entre as seleções participantes. No âmbito do Futsal Feminino, apesar da menor visibilidade e investimento financeiro, a Seleção Brasileira reina absoluta. Segundo informações da CBFS a equipe brasileira é bicampeã sul-americana (2005 e 2007) e pentacampeã mundial (2010, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Portanto, a popularização do esporte, o desenvolvimento técnico e tático dos atletas, a profissionalização das comissões técnicas e toda a evolução da esfera organizacional do Futsal fizeram deste esporte uma prática nacional. A relação do Brasil com o Futsal é tanta, que em meados de 2002 foi criado um movimento em prol da inclusão do Futsal nos Jogos Olímpicos, com campanhas criadas pela Federação Paulista de Futsal pelo sonho do “Futsal Olímpico”.

2.2 O FUTSAL: o jogo

Podemos conceituar o Futsal como um esporte coletivo de invasão, dinâmico e com interação com o adversário. Assim como outros esportes de invasão, esta modalidade se caracteriza pela tentativa de uma equipe infiltrar/ocupar o setor da quadra do adversário a fim de marcar gols/pontos/cestas, ao mesmo tempo protegendo o seu próprio setor de quadra (GONZÁLES; DARIDO; OLIVEIRA, 2014). Em relação a interação com o adversário, Borges e Amorim (2014) afirmam que no Futsal as ações de uma equipe estão atreladas a da outra, dependendo e sendo condicionadas pela oposição do adversário, ocorrendo assim uma interação constante entre estes. Segundo estes autores, o dinamismo do jogo esta presente na constante necessidade dos atletas solucionarem problemas momentâneos ao longo de uma partida, escolhendo os gestos motores e movimentações adequadas para cada momento.

Dentre estes gestos motores podemos destacar como técnicas predominantes no Futsal a condução, passe, domínio e chute da bola, além do drible, da finta e da marcação (VOSER, 2003). Em relação ao posicionamento tático, os cinco jogadores em quadra de cada equipe geralmente se postam em setores específicos e possuem funções determinadas. Comumente as posições são de goleiro (defende o gol), o fixo (jogador mais recuado e defensivo), os alas (atacam e defendem pelas laterais) e o pivô (jogador mais avançado e ofensivo) (VOSER, 2003). Entretanto estas posições e funções no Futsal atual são variáveis e adaptáveis devido a dinamicidade do jogo.

O Futsal se enquadra na classificação de Jogos Esportivos Coletivos (JEC) apresentada por Bayer (1994). Esta prática esportiva coletiva aborda diversas dimensões, incluindo as técnicas e gestos motores, porém tendo como grande destaque as questões táticas do jogo, como posicionamento e movimentações em quadra, de modo que a equipe coopere a fim de um objetivo comum. Ao longo dos anos, os meios de ensinar e treinar Futsal foram sendo modificados por correntes científicas. Portanto, com o intuito de dar continuidade a minha reflexão acerca das metodologias de ensino do Futsal, vejo como essencial um aprofundamento relacionado às metodologias de ensino dos Jogos Esportivos Coletivos e as modificações ocorridas nas últimas décadas.

2.3 METODOLOGIAS DE ENSINO DOS JOGOS ESPORTIVOS COLETIVOS

Os Jogos Esportivos Coletivos (JEC) representam um grupo de esportes que se assemelham em diversos fatores, tendo como característica principal o trabalho cooperativo de uma equipe em oposição à outra em função de uma meta, com o fim de realizar um gol ou um ponto. Este grupo de esportes, os quais englobam práticas populares como o Basquetebol, Voleibol, Handebol, Futebol e Futsal, são peças muito importantes no desenvolvimento esportivo trazido pela Educação Física escolar e pelas escolinhas esportivas no cenário atual. A riqueza de possibilidades proporcionadas pelo ensino dos JEC induz os alunos a evoluírem em diversos planos, dentre os quais podemos salientar o cognitivo, técnico, tático e até mesmo social (GARGANTA, 1995).

A partir do final da década de 70 o modo pensar e ensinar os JEC foram sendo modificados através de publicações científicas, ocorrendo assim uma revisão em relação às metodologias de treinamento esportivo tradicionais. A primeira edição da obra do francês Claude Bayer, “O Ensino dos Desportos Coletivos” , em 1979, foi um dos pontos de partida para estas mudanças. Na década de 90, pesquisadores portugueses deram prosseguimento às discussões relacionadas às metodologias de JEC. Autores como Amandio Graça e José de Oliveira, da coletânea intitulada “O Ensino dos Jogos Desportivos” (1995), contando com a participação de Julio Garganta, no capítulo “Para Uma Teoria dos Jogos Desportivos Coletivos”, reafirmaram as questões abordadas por Bayer (1994) e aprofundaram as reflexões acerca do ensino dos esportes coletivos. Outras obras importantes como a “Iniciação Esportiva Universal” publicada por Greco e Benda (1998) e a “Escola da Bola” de Kröger e Roth (2005) deram prosseguimento aos estudos desta área.

Analisando as publicações deste grupo de autores, podemos destacar certas características unânimes e essenciais para o entendimento das “novas” metodologias de ensino dos JEC, as quais trazem ideias contrárias às abordagens tradicionais. Anteriormente, a didática ligada ao ensino esportivo pautava prioritariamente o aprendizado da técnica, através da mecanização de movimentos e de soluções pré-estabelecidas. Assim, o foco inicial seria o ensino dos fundamentos técnicos, seguido da prática do jogo formal e, enfim, o ensino-treinamento da tática (GRECO, 1995). Esta concepção tradicional, denominada também de método

parcial ou analítico, coloca a aprendizagem das habilidades como um pré-requisito para uma participação correta no jogo (GRAÇA E MESQUITA, 2002). Segundo Bayer (1994) e Garganta (1995), esta concepção metodológica, a qual privilegia a prática de gestos elementares transferindo-os para o jogo, ensina o modo de fazer (técnica) separado das razões de fazer (tática). Portanto, a abordagem tradicional parte do princípio de que se um professor conseguir transmitir a um aluno os elementos básicos de um esporte, a aprendizagem estaria realizada, tendo como resultado a junção coerente e qualitativa destes elementos técnicos em uma situação de jogo (DAOLIO, 2002).

Com o enfoque na resolução de problemas de forma mecanizada, o método tradicional desconsidera duas das principais características dos JEC: a essência tática e a imprevisibilidade do jogo. Garganta (1995) afirma que o problema fundamental apresentado ao indivíduo nos jogos é essencialmente tático. Ou seja, durante uma partida, um atleta se encontra diversas vezes em situações inesperadas, várias vezes simultâneas, as quais este deve responder com base em seu repertório técnico e tático. Assim, aliada a cooperação entre elementos de uma mesma equipe, é possível destacar como um dos pilares fundamentais dos JEC a inteligência e entendimento do jogo, resumida pela capacidade dos atletas se adaptarem a novas situações elaborando e operando respostas adequadas a estas (GARGANTA, 1995).

A obra de Claude Bayer, "O Ensino dos Desportos Coletivos", reeditada em 1994, foi o ponto de partida para a mudança nas concepções metodológicas de ensino dos JEC. Nesta, o autor constrói suas reflexões baseando-se em uma estrutura organizacional deste grupo de esportes. Estas práticas se agrupam em uma única categoria pelo fato de todas possuírem seis invariantes: uma bola; um espaço de jogo; companheiros com os quais se joga; adversários como oposição; um alvo a atacar e defender; regras específicas. Além disso, o autor definiu princípios operacionais que se assemelham neste grupo de esportes, divididos em princípios de ataque e de defesa. Os princípios de ataque são a conservação individual e coletiva da bola, progressão da equipe e da bola em direção ao alvo adversário e finalização da jogada. Já os de defesa recuperação da bola, impedir o avanço da equipe adversária e da bola em relação ao próprio alvo e proteção do alvo tentando impedir a finalização do adversário (BAYER apud DAOLIO, 2002).

Partindo destes fatores, Bayer definiu regras de ação constituídas de meios necessários para a operacionalização dos princípios básicos dos esportes (BAYER apud DAOLIO, 2002). Ou seja, para desenvolver a progressão da equipe, por exemplo, é importante aplicarmos treinamentos que envolvam determinadas regras de ação, tal qual a criação de linhas de passe, a desmarcação dos adversários e o posicionamento em espaços da quadra propícios a receber a bola (DAOLIO, 2002).

Em conjunto com as teorias de Bayer (1994), Garganta (1995) propõe o ensino dos JEC como uma prática transferível, de modo que através de uma metodologia multiforme, poderíamos evitar a especialização precoce e assegurar a transferência de aprendizados em uma atividade para diversas modalidades esportivas. Esta prática tem sua base essencialmente relacionada aos princípios comuns dos JEC, sendo estes diretamente ligados as dimensões estruturais e funcionais dos esportes (GARGANTA, 1995). Além dos denominadores comuns gerais apontados por Bayer (1994) citados anteriormente, Garganta (1995) agrupa os JEC por categorias específicas comuns: Fontes Energéticas (aeróbicos, anaeróbicos e mistos), Ocupação de Espaço (de invasão ou não), Disputa de bola (de luta direta ou indireta) e Trajetórias Predominantes (de troca de bola ou circulação de bola). Assim, os diferentes esportes se organizam de modo a possibilitar a construção de um processo plural e coerente de ensino-aprendizagem-treinamento.

Garganta (1995) sintetiza em seus estudos três formas didático-metodológicas de abordar o ensino dos JEC: a Forma Centrada nas Técnicas, que partem das formas analíticas para o jogo formal; a Forma Centrada no Jogo Formal, que se utiliza exclusivamente do jogo em si; e a Forma Centrada nos Jogos Condicionados, que apresenta o jogo decomposto em unidades funcionais e situações particulares. Dentre estas, a última metodologia corresponde aos ideais preconizados desde o final da década de 70, se contrapondo a visão tradicional de ensino e focalizando no desenvolvimento da inteligência tática, na interpretação e aplicação correta dos princípios do jogo e na viabilização da técnica e da criatividade dos atletas.

Através da metodologia de Jogos Condicionados, Garganta (1995) apresenta diversas etapas sob um ponto de vista didático do ensino dos JEC, as quais tendem a seguir uma hierarquia em função da estrutura elementar do jogo:

- **Eu - bola:** familiarização da bola e seu controle;
- **Eu – bola - alvo:** foco no objetivo do jogo, finalização;
- **Eu - bola- adversário:** combinação de habilidades, conservar posse de bola (1x1);
- **Eu – bola – colega - adversário:** jogo a 2, desmarcação, cobertura defensiva;
- **Eu – bola – colegas - adversários:** jogo a 3, criação e anulação de linhas de passe, penetração e cobertura defensiva;
- **Eu – bola – equipe - adversários:** 3x3 ao jogo formal, assimilação e aplicação dos princípios do jogo, ofensivos e defensivos.

O autor também apresenta uma série de indicadores relacionados a qualidade do jogo, utilizando-se de três fatores essenciais nesta classificação: a estruturação do espaço de jogo, os aspectos de comunicação na ação e a relação com a bola. Partindo destes aspectos, Garganta (1995) classifica o a aprendizagem do jogo em quatro fases: o Jogo Anárquico, a fase de Descentração, a fase de Estruturação e por final a fase de Elaboração, que se refere ao mais alto nível de desempenho esportivo.

Deste modo, ao refletir as ideias de Bayer (1994) e Garganta (1995) é importante ressaltar a importância dada ao conceito de equipe, a qual representa a base dos JEC. Segundo os autores, o ensino e o treinamento esportivo não devem apenas abranger a mera transmissão de um repertório de habilidades técnicas ou capacidade físicas, privando os alunos/atletas das vantagens que somente o jogo pode disponibilizar. Ter o domínio da técnica não garante necessariamente o bom jogador (GARGANTA, 1995).

Tendo em vista a importância dos fatores táticos em relação aos fatores técnicos, em contraposição à abordagem tecnicista, Greco (1995) expõe o Método Situacional, propondo o processo ensino-aprendizagem-treinamento baseado na união da técnica ao desenvolvimento tático, mediante a apresentação de situações de jogo que exigem soluções, inserindo a complexidade do jogo desde o início. Conseqüentemente, se tem como objetivo fazer com que o aluno/atleta tenha contato com experiências reais de jogo na sua iniciação esportiva, a fim de que este

desenvolva sua tomada de decisão rápida e correta, se tornando futuramente um “jogador inteligente” (GRECO,1995).

Greco e Benda (1998) introduzem em sua obra “Iniciação Esportiva Universal” uma dicotomia existente relativa ao treinamento esportivo no Brasil, entre uma linha tecnicista, direcionada à repetição dos gestos técnicos e automatização das ações táticas, e uma linha humanista, voltada para a crítica social, a fim de estimular o senso crítico e visão do mundo dos alunos. A proposta dos autores engloba a visão humanista, porém abordada de forma progressista. Os objetivos principais expostos são a conscientização do aluno da importância da prática esportiva, contextualizando o esporte dentro do cenário sociopolítico e cultural, além de fazer com que o aluno compreenda a modalidade esportiva, discernindo diferentes situações-problema e agindo de modo inteligente em suas resoluções. A proposta não visa o alto desempenho e o rendimento em si, criticando a especialização precoce, sendo caracterizada por ser uma preparação em longo prazo e pelo enfoque na aprendizagem incidental.

A proposta da “Iniciação Esportiva Universal” se relaciona fortemente com a compreensão do jogo coletivo e com a resolução de situações-problemas pelo aluno, se apoiando nas ideias de Read e Davis (1990), os quais apontam três aspectos básicos para este processo de ensino:

- A tomada de decisão e formação de conceitos por parte de alunos;
- A compreensão do contexto dos jogos esportivos;
- A importância tática na iniciação esportiva;

Com base nestes autores, e em concordância com as obras citadas anteriormente, Greco e Benda (1998) definem seu processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos JEC tendo como foco o desenvolvimento das capacidades táticas em conjunto com as capacidades coordenativas, técnicas, físicas, sociais e psicológicas.

Seguindo a perspectiva de contraposição aos métodos tradicionais e formais e de foco na aprendizagem “universal”, podemos destacar o livro “Escola da Bola”, apresentado por Kröger e Roth (2005). A obra apresenta uma crítica à especialização precoce de crianças, que em muitas situações são, desde cedo, direcionadas aos treinamentos esportivos específicos. Segundo os autores,

“crianças não são, em sua natureza, especialistas: elas são generalistas” (KRÖGER E ROTH, 2005, p.9). Deste modo, a abordagem apresentada por eles constitui-se na transferência longa e variada de movimentos, os quais têm por objetivo criar um “solo fértil” à iniciação esportiva de diversos esportes, tendo três pilares básicos em sua estruturação metodológica:

- Jogos orientados para a situação (aprender a jogar)
- Orientação para as capacidades coordenativas (melhoria da coordenação com bola)
- Orientação para as habilidades (melhoria das atividades básicas de domínio com bola)

Sustentados por estes pilares, o “jogar” passa a ser o marco inicial da “Escola da Bola”, permitindo às crianças a experiência de forma rica e variada das diferentes alternativas de movimento, jogando com liberdade a fim de reconhecer e perceber situações e responder e se adaptar corretamente de forma tática. Neste caso, a qualidade dos gestos técnicos não é o foco central do processo de ensino (KRÖGER E ROTH, 2005).

Na “Escola da Bola”, a exercitação das capacidades coordenativas está fortemente relacionada com o desenvolvimento da base da “inteligência sensório motriz”, ou seja, o desenvolvimento da motricidade geral e a velocidade de reação e adaptação às diferentes situações do jogo. Segundo os autores o desenvolvimento destas capacidades pode facilitar a aprendizagem das habilidades esportivas, as quais são apresentadas como peças de um “quebra-cabeça”, sem relação com elementos técnicos específicos de esportes, porém como estruturas importantes na construção dos movimentos esportivos.

A filosofia apresentada pela “Escola da Bola” de Kröger e Roth (2005) sustenta, portanto, que a criança deve reaprender a jogar, desenvolver sua capacidade coordenativa e suas habilidades antes de iniciar a sua especialização geral nas modalidades esportivas, tendo como resultado “jogadores universais”.

Em suma, revisando a literatura referente às metodologias de ensino dos JEC e analisando as obras dos autores citados ao longo deste capítulo (BAYER, 1994; GARGANTA, 1995; READ; DAVIS, 1990; GRAÇA; OLIVEIRA, 1995; GRECO, 1995; BENDA, 1998; KRÖGER; ROTH, 2005;) podemos discernir três importantes

métodos de ensino-treinamento-aprendizagem: o método analítico ou parcial; o método global ou do jogo formal; e as metodologias centradas na aplicação de situações e condicionantes de jogo.

A primeira tem seu enfoque no aprendizado da técnica em sobreposição aos outros elementos do jogo, sendo definida pela sobreposição desta em relação à tática. Ou seja. “somente quando se aprende o gesto pode-se aplicá-lo em situação de jogo, portanto, jogo só depois do domínio da técnica” (GRECO, 1995, p.126). Este método de treinamento tem como consequência a formação de atletas com ações de jogo mecanizadas e com problemas relativos à compreensão de jogo (READ; DAVIS, 1990; GARGANTA, 1995), além de apresentar fatores relevantes em relação ao abandono precoce de atletas devido ao insucesso ao longo dos treinamentos (READ; DAVIS, 1990).

Já no método global, se utiliza do jogo formal para desenvolver o ensino esportivo. Assim, a importância dos fatores táticos começa a se equiparar com os técnicos, visto que estes surgem em resposta às situações de jogo. No entanto, o jogo não é condicionado nem decomposto, resultando em um embasamento individual e na falta de diversidade de soluções motoras dos alunos/atletas, além de lacunas táticas e problemas relacionados à ações coletivas (GARGANTA, 1995).

Enfim, destaco as metodologias centradas na aplicação de situações e condicionantes de jogo, as quais são preconizadas em diferentes facetas pelos metodologistas “modernos”. Esta forma de ensino-treinamento prioriza as questões táticas do jogo, apresentando situações reais aos alunos, a fim de, a partir destas, desenvolver sua técnica de forma diversificada e disposta a adaptação rápida. Como resultados da aplicação desta linha metodológica, podemos destacar a evolução de elementos essenciais da prática dos JEC, como a inteligência tática, a interpretação e aplicação correta dos princípios do jogo e a criatividade dos atletas (GARGANTA, 1995). Deste modo, o objetivo final da aplicação da metodologia de jogos condicionados e situacionais no processo de ensino-treinamento-aprendizagem é a formação de alunos-atletas que compreendam o jogo e o conceito de equipe de forma contextualizada, joguem de forma “inteligente” e possuam um repertório sensório-motor amplo criando assim “solo fértil” para o desenvolvimento de práticas mais complexas e especializadas (GRECO; BENDA, 1998; KRÖGER; ROTH, 2005;).

2.4 METODOLOGIAS DE ENSINO DO FUTSAL

Este capítulo tem como objetivo aprofundar e direcionar as reflexões deste trabalho sobre as metodologias de treinamento esportivo, com base em publicações de livros e artigos específicos sobre o Futsal. Ao abordarmos as questões relacionadas à metodologia de ensino no Futsal, a maioria dos autores classifica o ensino deste em duas correntes: o método parcial e o método global, os quais se contrapõe em diversos fatores. Ao longo dos anos, outros termos e métodos foram surgindo, tais como o método misto, os jogos condicionados, situacionais, confrontação, série de jogos, entre outros (VOSER, 2003).

Conforme foi citado na introdução do trabalho, método se refere ao caminho escolhido para atingir um determinado objetivo. Segundo Canfield (1981) *apud* Tenroller (2004), métodos de ensino são formas cientificamente organizadas de desenvolver um processo de aprendizagem que conduza a resultados favoráveis. Santana (2004) afirma que o professor deve escolher o método de ensino que irá aplicar com base no seu público alvo. Cabe salientar que todos os métodos utilizados são válidos, tendo suas vantagens e desvantagens, cabendo ao professor/treinador a escolha do método a ser aplicado em razão das suas convicções e dos fatores que circundam e permeiam a sua equipe. A efetividade da metodologia escolhida depende diretamente da habilidade do professor que a aplica. Em resumo, a metodologia de ensino se caracteriza como um meio para alcançar os objetivos propostos por um professor para um determinado grupo de alunos, considerando suas peculiaridades.

O método parcial é um modelo que originalmente surgiu nos esportes individuais (TENROLLER, 2004; BALZANO, 2012), e tem como característica principal o treinamento das habilidades técnicas descontextualizada das situações de jogo antes de serem aplicadas neste. O princípio analítico apresenta a série de exercícios como medida metodológica principal (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984 *apud* SANTANA; PINTO, 2005). Quando falamos em métodos parciais, exercício por partes, atividades centradas na técnica, geralmente estamos considerando o princípio analítico- sintético (SANTANA; PINTO, 2005). Para Balzano (2012) este método pode ser considerado “exato”, devido a sua preocupação demasiada com os detalhes de cada fundamento técnico. Conforme Melo e Melo (2008), este método parte de uma progressão pedagógica, de

exercícios mais simples para o mais complexos, seguindo um modelo ideal que deve ser reproduzido em todas as atividades, sem haver uma preocupação com a realidade do jogo ou a individualidade de cada aluno. Em suma, uma aula orientada pelo princípio analítico-sintético é normalmente caracterizada pelo ensino de uma habilidade (ou fundamento técnico) por etapas até a sua automatização, para enfim aplicá-la no jogo (SANTANA; PINTO, 2005). Tenroller (2004, p.47-48) exemplifica as etapas de ensino do fundamento de chute no futsal sob a utilização do método analítico-sintético:

- A perna de apoio, com uma pequena inclinação na articulação do joelho, deverá estar ao lado da bola;
- A ponta do pé de apoio apontará para o local onde deverá ser chutada a bola;
- A bola deverá ser atingida na parte superior, se o objetivo for um percurso rasteiro; se for desejada uma trajetória parabólica ou alta, a bola deverá ser atingida na parte próxima ao solo;
- A parte superior do tronco deverá estar inclinada em direção à bola, porém com o peso corporal recaindo sobre a perna de apoio.

Através desta descrição, o autor faz uma crítica à esta metodologia, afirmando que mesmo com tantos detalhes descritos, diversos outros fatores, que comumente fogem ao controle do atleta, podem interferir no chute, sendo necessária a incorporação do gesto em situações mais realísticas do jogo de Futsal para o melhor aproveitamento do processo de aprendizagem. Santana (2004, p.48) também critica a utilização deste método, enfatizando sua opinião em relação a automatização de gestos técnicos na iniciação esportiva:

“[...] basta o professor abandonar a ideia de que a criança precisa dominar o gesto técnico para depois jogar. Esse tipo de crença, separando o que fazer (tática, motivo de agir) do como fazer (técnica, meio de agir) deixa à criança a ingrata herança de automatizar movimentos. Esse método, a meu juízo, na medida em que sufoca a imaginação, mais atrapalha do que ajuda.”

Apesar das críticas, este modelo de ensino possibilita algumas vantagens aos alunos (COSTA, 2007; MELO; MELO, 2008). Dentre estas, os autores destacam a possibilidade de fazer correções diretas nos exercícios, facilitando a compreensão do aluno; o acompanhamento do progresso pedagógico individual dos praticantes; a evolução do domínio da técnica do Futsal. Já como desvantagens da aplicação do método analítico, os autores destacam a falta de situações concretas de jogo no treino; o fato de este não proporcionar ao praticante o contato imediato com o jogo, fazendo com que o aluno fique desmotivado com a aula; e a fator de que este método não propicia o desenvolvimento da criatividade do aluno.

Já o método global, ou global-funcional, remete aos ideais metodológicos iniciados na década de 70, tendo como característica principal a totalidade do movimento em conjunto com o jogo. Esta corrente tem como medida metodológica principal a série de jogos (DIETRICH, DURRWACHTER e SCHALLER, 1984 *apud* SANTANA; PINTO, 2005) tendo como objetivo desenvolver a técnica, o condicionamento físico e, principalmente, a tática, através de uma sequência de jogos (SANTANA; PINTO, 2005; MELO; MELO, 2008). Esta corrente metodológica geralmente contrapõe o método analítico-sintético, preconizando os fatores táticos em relação aos técnicos:

“[...] os princípios e métodos de ensino são opostos e têm objetivos distintos. O analítico é centrado na técnica, em exercícios, na repetição dos gestos esportivos e na especialização precoce do aluno em cima de algumas técnicas. O global é centrado na tática, no jogo, cujo ambiente torna-se mais prazeroso, a especialização precoce de algumas habilidades é refutada e o objetivo é desenvolver a inteligência do aprendiz (SANTANA; PINTO, 2005).”

Segundo Voser (2003), no treinamento de Futsal atual, os fundamentos táticos são entendidos como integradores e condicionadores dos fatores técnicos e físicos, devendo ser postulados como fundamentais na metodologia de treinamento proposta pelo treinador. Portanto, no treinamento de Futsal moderno o método global-funcional é o que mais vem sendo aplicado em escolinhas e equipes, visto que este preconiza os fatores táticos, desenvolvendo a criatividade, imaginação e pensamento rápido dos jogadores (LOPEZ, 2004 *apud* BALZANO, 2012). Quando comparado com o método analítico-sintético, o método global tem se mostrado mais

consistente, pois atende o desejo de jogar dos alunos, conseqüentemente, estes ganham em motivação e o processo ensino-aprendizagem é facilitado (GRECO, 2001 *apud* SANTANA; PINTO, 2005).

O método global-funcional tem como característica adequar o jogo de Futsal, partindo de jogos pré-desportivos, como jogos com alterações de regras, até chegarmos ao jogo formal (MELO; MELO, 2008; BALZANO, 2012). Este método leva em consideração dois pilares básicos dos jogos esportivos coletivos trazidos por Garganta (1995): a imprevisibilidade do jogo e a essência tática deste. A partir destes pilares, Lopez (2002) *apud* Santana e Pinto (2005) afirma que o método global leva em consideração fatores indispensáveis à prática do Futsal, como a constante tomada de decisões dos alunos, desenvolvendo sua inteligência tática, e a compreensão por parte do jogador da estrutura do jogo com fases defensivas e ofensivas.

Tenroller (2004), com base no método global no futsal, menciona que o fundamento de chute deverá ser ensinado primeiramente sem a intervenção inicial do professor, podendo haver correções necessárias nas próximas ações. Ou seja, o gesto deve ser ensinado partindo das situações externas à técnica, assim, sendo condicionado pelo jogo em si.

Como pontos positivos da aplicação deste método no processo de ensino-treinamento-aprendizagem, Costa (2007) e Melo e Melo (2008) destacam a vivência da prática do jogo desde o início do processo, elevando a motivação dos praticantes; a conexão constante entre tática, técnica e condicionamento físico ao longo do treinamento; a possibilidade da inserção de todos os elementos utilizados em um jogo de futsal na sessão de treino. Entretanto, como desvantagens, os autores afirmam que nesta metodologia o aluno demora a ver seu progresso técnico, o que pode desmotivá-lo; existe dificuldade em avaliar o desempenho dos praticantes; as limitações individuais são mais difíceis de serem corrigidas.

Costa (2007) afirma que a progressão pedagógica dos jogos do método global deve ter a seguinte sequência: Pequenos Jogos Desportivos, que contém essencialmente os fundamentos básicos do jogo em conjunto com regras e estruturas simples; Jogo simplificado, que contém um número maior de regras, movimentos e deslocamentos táticos, já semelhantes ao jogo em si; Grande Jogo, formado por todos os elementos técnicos e táticos pertencentes ao esporte.

Partindo destas duas correntes metodológicas antagônicas, diversas outras formas de ensinar foram sendo desenvolvidas e adaptadas ao Futsal moderno. Dentre estas possibilidades, destaco o Método Misto, o Método Recreativo e o Método de Jogos Condicionados.

O Método Misto se caracteriza por ser a junção das duas correntes pedagógicas anteriormente citadas (COSTA, 2007). Para Xavier (1986) *apud* Tenroller (2004) este método consiste na sincronia dos métodos global-parcial-global, possibilitando a prática de exercícios isolados e a iniciação ao jogo através das formas jogadas de Futsal (COSTA, 2007; BALZANO, 2012). Ou seja, ao aplicar esta metodologia o professor tem a opção de, dependendo dos seus objetivos ou do desempenho dos alunos, priorizar os jogos ou a execução isolada dos fundamentos através de exercícios, unindo assim as duas correntes.

O Método Recreativo é atualmente a principal escolha dos professores em relação à iniciação esportiva (COSTA, 2007; BALZANO, 2012), sendo utilizada também em diversas etapas do ensino-treinamento do Futsal. Voser (1999) destaca que ao aplicar este método o professor proporciona a turma o aprendizado dos fundamentos técnicos de uma forma recreativa, com atividades competitivas, estabelecendo desafios e, portanto, se aproximando de situações reais de jogo. Voser e Giusti (2015) citam a importância de, ao aplicar atividades recreativas, não se esquecer da “ideia central do jogo”, tendo em mente as “ações do jogo” que estarão sendo desenvolvidas. Voser (1999) exemplifica como vantagens da aplicação deste método o desenvolvimento do processo de sociabilização, desinibição, autoestima e integração do grupo. Além disso, abordando os fatores técnicos e táticos de uma forma lúdica propiciam ao praticante uma relação positiva com o esporte, criando assim uma situação favorável ao aprendizado. Já no alto nível de treinamento, esta metodologia tem um efeito “antiestressante” bastante valorizado (BALZANO, 2012). No entanto, é possível que as atividades recreativas, por si só, não sejam suficientes para desenvolver com amplitude os fatores técnicos e táticos dos alunos (VOSER, 1999).

A metodologia dos Jogos Condicionados, mencionada por Garganta (1995), tem como principal enfoque desenvolver situações específicas do jogo, criando-se alternativas que proporcionem a repetição de ações criadas neste. (BALZANO, 2012). O teor do jogo de Futsal moderno é essencialmente tático, portanto é necessária a utilização de uma metodologia de ensino que provoque o praticante a

pensar e achar soluções para os problemas impostos pelo jogo. Para Daolio e Marques (2003), nesta metodologia as técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada, destacando que a lógica do jogo em si é voltada para a tática, e não para a técnica. Segundo Balzano (2012), através de jogos com regras e estruturas modificadas, é possível estimular nos alunos/atletas a inteligência tática, noções de regra, autonomia, poder de decisão, criatividade e resolução de problemas, sendo estes fatores indispensáveis para a boa prática do Futsal. Voser (2003) apresenta como objetivo dos jogos condicionados ou adaptados a promoção e compreensão dos componentes do jogo pela prática de situações reais. As principais características desta metodologia são (BALZANO, 2012, p.29):

- Propõe situações reais de jogo;
- Os jogos são adaptados ao nível de conhecimento dos participantes;
- Parte das ações coletivas;
- Ensinado através de situações lúdicas ou problemas, para estimular a criatividade, a imaginação e as tomadas de decisão dos alunos;
- O ensino é indireto.

Em suma, podemos classificar as metodologias de ensino-treinamento dos JEC, especificamente do Futsal, entre uma corrente tradicional, denominada de analítica-sintética, a qual promove execução de exercícios direcionados para a técnica para depois serem aplicados em situações de jogo, e uma corrente global-funcional, que utiliza a estrutura do jogo desde a iniciação, sendo a tática o princípio norteador das atividades. Com base na corrente global-funcional, diversas metodologias foram sendo criadas, com destaque para o Método Recreativo, muito utilizado na iniciação esportiva, e o Método de Jogos Condicionados, que promove jogos com adaptações nas regras e estruturas do jogo a fim de desenvolver a boa prática do Futsal.

Cabe salientar novamente que a escolha do método a ser aplicado é função do treinador. Certos métodos podem gerar resultados negativos se utilizados por professores incapazes, da mesma forma que um professor pode obter sucesso utilizando um método pouco utilizado (MUTTI, 2003). Cada método tem suas vantagens e desvantagens, cabendo ao treinador saber o momento certo de utilizá-

los, levando em consideração as características de sua equipe e os fatores que a permeiam.

3. METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este é um estudo de cunho qualitativo, descritivo e exploratório. A partir desta abordagem, buscou-se observar, registrar e analisar a rotina de treinamentos da equipe de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste tipo de pesquisa, a fonte direta dos dados é o ambiente do estudo, tendo como principal instrumento o próprio investigador, buscando sempre pistas que permitam estabelecer uma compreensão mais esclarecedora em relação ao objeto do estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

O trabalho de campo foi caracterizado pela observação participante total do pesquisador em oito sessões de treinamento da equipe, o qual se propôs a participar de todas as atividades do grupo atuando como um de seus membros (LIMA; ALMEIDA; LIMA, 1999), aliando o olhar interno com uma visão externa de pesquisador. Flick (2009) afirma que apenas ao atingir este equilíbrio como observador/pesquisador será possível perceber o particular naquilo que for cotidiano ou rotineiro no campo. O registro das observações foi feito em formato de diário descritivo, anotando as impressões após a conclusão do contato individual de campo (FLICK, 2009).

A entrevista com o treinador foi feita de forma semiestruturada, a qual proporciona ao entrevistado certa liberdade de desenvolver “teorias subjetivas” em relação ao tópico de estudo (FLICK, 2009). A entrevista foi gravada e transcrita, para ser posteriormente analisada pelo pesquisador.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O presente estudo teve como participante o treinador da Equipe de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foram observadas oito sessões de treinamento da equipe do projeto de extensão Futsal Masculino da UFRGS, iniciando no dia 31 de março de 2016 até o dia 28 de abril de 2016, nas terças feiras (17:30h – 19:15h) e nas quintas-feiras (19:15h – 21h). Os treinamentos ocorreram no ginásio 1 do Campus Olímpico da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), localizada na Rua Felizardo, 750, Bairro Jardim Botânico, Porto Alegre. A escolha desta equipe foi feita de forma intencional, visto que possibilitava a

observação participativa do pesquisador, por este já estar integrado ao projeto de extensão nos últimos semestres e, portanto, já estar habituado com o ambiente de estudo.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

A fim de desenvolver esta pesquisa, foi feito o contato com o coordenador do projeto de extensão de Futsal da UFRGS, para pedir permissão para o trabalho. Após isto, foi feito o contato com o treinador da equipe, explicando-lhe a proposta e os objetivos da pesquisa. Antes de iniciar as observações, foi assinado pelo treinador um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1). A pesquisa foi realizada em 2 etapas:

- Etapa de observações

As observações foram feitas de modo participativo total, ou seja, o pesquisador participou como atleta de todas as atividades do treino em conjunto com a equipe, se relacionando com os atletas e com o treinador. As sessões de treinamento foram descritas em formato de Diário de Campo (ANEXO 2), no qual cada atividade foi detalhada. Além da descrição das atividades, no diário são expostas as observações e reflexões feitas sobre o treino em geral, desde atividades até as relações interpessoais dos atletas e do treinador.

- Etapa da entrevista

Por fim, após a finalização do Diário de Campo, foi feita uma entrevista de forma semiestruturada com o treinador da equipe de Futsal Masculino da UFRGS (ANEXO 3), a qual abordou temas como sua iniciação esportiva, sua formação acadêmica, e suas convicções como treinador em relação às metodologias de treinamento de Futsal. A entrevista foi gravada com um aparelho celular, da marca Samsung. Depois de a entrevista ser transcrita, esta foi apresentada ao treinador para aprovação e sua validação.

3.4 OPERACIONALIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ao longo das observações, as atividades propostas foram analisadas e classificadas sob as seguintes perspectivas metodológicas:

- **Atividades Analíticas:** exercícios baseados no Método Analítico-sintético, centrada na técnica dos atletas, sem conexão com situações reais de jogo (GARGANTA, 1995).
- **Jogo Formal:** atividade centrada na aplicação do jogo de Futsal em si, sem adição de regras ou modificações de estruturas na quadra (GARGANTA, 1995).
- **Jogos Condicionados:** atividade centrada na aplicação do jogo de Futsal adaptado, com adição de regras e/ou modificação estrutural na quadra (BALZANO, 2012).
- **Atividades Situacionais:** exercícios centrados na criação de situações particulares de jogo, não se caracterizando como jogo condicionado. Exemplo: exercícios de contra-ataques múltiplos, saída de pressão e treinamento de goleiro linha (GRECO, 1995)
- **Atividades Recreativas:** atividades de caráter lúdico baseadas no Método Recreativo (VOSER, 1999).

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir da observação participante e dos relatos feitos no Diário de Campo direcionados às oito sessões de treinamento da equipe de Futsal UFRGS, pude destacar os seguintes fatores:

4.1 Estrutura dos treinamentos

Os treinamentos da equipe de Futsal da UFRGS, de modo geral, apresentaram uma estrutura básica que foi perpetuada ao longo das 8 sessões observadas, promovendo uma progressão didática nos treinos. Estes iniciavam com uma conversa inicial de toda a equipe com o treinador, o qual dava avisos gerais, explicava os objetivos do dia, ou fazia algum *feedback* dos treinos anteriores:

“O treino iniciou com uma conversa a respeito da performance da equipe até o momento (após aproximadamente 8 treinos) e ouvimos uma cobrança do treinador em relação a postura dos atletas no treino (Diário de Campo, Treino 1).”

Em sequência a esta conversa introdutória, os atletas iniciavam a primeira atividade, que se resumia em uma série de movimentações articulares com o objetivo de preparar os atletas para os próximos exercícios. Em praticamente todos os treinos esta atividade foi guiada por um dos atletas, estudante de Educação Física, que auxiliava o treinador em seus afazeres:

“Iniciamos o treino com um aquecimento articular em deslocamento pela quadra guiado pelo auxiliar/atleta (Diário de Campo, Treino 5).”

“Para começar o treino, fizemos um aquecimento articular guiado pelo atleta/auxiliar a fim de aquecer o corpo e espantar a preguiça trazida pelo frio (Diário de Campo, Treino 7).”

Após isto, dava-se início a parte principal do treinamento, com a utilização de jogos condicionados e situações de jogo relacionadas aos objetivos do treino ou da semana. O relato a seguir foi feito no início da temporada, apresentando uma atividade cujo objetivo foi organizar o posicionamento defensivo dos atletas:

“[...] fomos divididos em 4 equipes e partimos para quadra para um jogo condicionado. O enfoque deste foi o posicionamento da defesa em relação ao ataque adversário. Foram marcadas com cones 5 linhas horizontais na quadra que mantinham relação direta com o posicionamento

defensivo. No momento em que a bola estivesse com o adversário, o último defensor do time sem a posse de bola deveria se posicionar no mínimo a duas linhas da bola. Assim, o treinador teve como objetivo compactar seu time no momento defensivo, a fim de instaurar seu estilo de marcação (Diário de Campo, Treino 3).”

Nesta parte principal, também foram realizados propostos exercícios voltados para a técnica e para as transições ofensivas e defensivas, com situações de contra-ataque que forçavam a finalização dos atletas e o retorno de marcação:

“A segunda atividade consistiu em um treino de finalização com elementos de jogo, ou seja, um treino situacional. Atacavam 2 jogadores contra 1 defensor enquanto outro defensor fazia um retorno de quadra. Deste modo, os atacantes deveriam executar a finalização da jogada o mais rápido possível para aproveitar a superioridade numérica (Diário de Campo, Treino 1).”

Se aproximando do final do treino, já tendo trabalhado seus objetivos da sessão com a equipe, o treinador normalmente aplicava alguma atividade de caráter global, como um jogo condicionado, jogo formal ou até mesmo um jogo mais descontraído, de caráter recreativo. Nestes jogos, os atletas tinham maior liberdade na escolha das equipes e no formato do jogo, promovendo uma maior ludicidade ao jogo e integração entre os atletas:

“Finalizamos o treino com um pouco de jogo livre de futsal, de forma mais descontraída, sendo que cada jogo durava 2 minutos ou 1 gol (Diário de Campo, Treino 5).”

[...] tivemos 15 minutos de jogo livre, recreativo. Fizemos o jogo clássico de veteranos x novatos, com a condição de “quem erra sai”, para ocorrer a troca constante de atletas no jogo (Diário de Campo, Treino 8).”

Para finalização da sessão de treino, o treinador reunia sua equipe para explicar suas observações, dando assim um *feedback* para os atletas. Além disso, esta reunião final tem como função abrir um espaço para os jogadores darem suas opiniões em relação aos treinos, além de sanarem dúvidas direcionadas aos quesitos táticos trazidos pelo treinador.

“O treino terminou com uma conversa final do treinador, dando um *feedback* bastante positivo em relação ao treino (Diário de Campo, Treino 4).”

“[...] nos reunimos com treinador e conversamos sobre o treino, pontos positivos e negativos. O treinador nos chamou atenção para uma movimentação importante que alguns atletas estavam se equivocando, a qual consistia em dar linha de passe para o companheiro de equipe no centro de quadra e continuar sua movimentação, sem estacionar no meio.

Achei interessante que neste momento um atleta que possui mais experiência do que a maioria em quadra explicou sua opinião sobre a movimentação, de modo que até mesmo o treinador não tinha conseguido explicar (Diário de Campo, Treino 7).”

Portanto, com base nos treinos observados, é possível estabelecer um padrão estrutural dos treinamentos da equipe de Futsal da UFRGS, que, apesar de não ser sempre seguido à risca, serve como uma base da progressão pedagógica aplicada pelo treinador. A estruturação propõe um início, um meio e um final para o treino, começando com um aquecimento articular, seguido pela parte principal, a qual é composta por jogos condicionados e situacionais, terminando com um jogo condicionado, jogo formal ou jogo recreativo. Além disso, é possível perceber uma conexão entre as partes do treino, ou seja, os objetivos a serem trabalhados na sessão quase sempre são impostos desde as primeiras atividades, sendo praticados de maneira mais específica na parte principal, e de modo globalizado na parte final.

4.2 Metodologias de treinamento

Com base nas oito observações feitas, pude perceber a presença marcante e equilibrada de atividades provenientes das metodologias de Jogos Condicionados e Situacional nas sessões de treinamento da Equipe de Futsal UFRGS. Estas metodologias estiveram presentes em todas as sessões de treinamento observadas, e, conforme minha experiência como atleta da equipe, raramente o treinador não utiliza estes tipos de atividades. A prática do Jogo Formal foi notada em metade dos treinamentos estudados, porém sendo disponibilizado menos tempo a este método do que às metodologias anteriores. Já as Atividades Recreativas foram aplicadas em poucas sessões, aparecendo como exercícios iniciais ou de finalização de treino. As Atividades Analíticas não foram utilizadas em nenhuma das observações. No entanto, ao longo da minha experiência como atleta desta equipe, apesar de raras, participei de atividades baseadas nesta metodologia, principalmente com enfoque na técnica de finalização e movimentações ofensivas.

A metodologia dos Jogos Condicionados se mostrou como característica marcante dos treinamentos da Equipe de Futsal UFRGS, sendo observada em todas as sessões em diferentes etapas destas. Estas atividades foram aplicadas como aquecimento, parte principal e finalização de treino. Nos treinamentos observados,

pude notar Jogos Condicionados focados em diversas dimensões do jogo, como por exemplo:

- Movimentações táticas básicas:

“Iniciamos depois um jogo condicionado focado no desenvolvimento da inteligência tática do futsal, forçando os atletas a se movimentarem de forma correta na quadra. O treinador dividiu a quadra em zonas verticais (3 zonas) e em linhas horizontais (5 linhas). Fomos divididos em 3 equipes. As regras do jogo eram direcionadas para as seguintes movimentações após fazer um passe:

- Estando o atleta na zona central da quadra deve este trocar de zona para poder receber novamente a bola.

- Estando o atleta na zona lateral deve trocar de linha para receber novamente a bola.

- O atleta não deve estar necessariamente posicionado nesta nova linha ou zona para receber a bola novamente, mas deve trocar ao menos momentaneamente de zona ou linha.

Deste modo, o exercício “obrigava” os atletas a executarem um dos princípios táticos básicos do futsal, o de passar a bola e se movimentar para receber um novo passe ou apenas desestabilizar a marcação da equipe adversária (Diário de Campo, Treino 2).”

- Saída de marcação pressão:

“O objetivo do jogo era trabalhar a saída de pressão através de uma movimentação partindo com 4 jogadores em linha (4-0). Como regra do jogo, a linha do meio de campo seria uma linha de impedimento. Os jogadores só poderiam receber a bola no campo de ataque se no momento do passe estes estivessem no campo de defesa. Esta condição de jogo fez a intensidade elevar, visto que é necessária uma movimentação intensa por parte dos atletas, além de requerer um nível de inteligência técnica e tática para o bom andamento da atividade. Para receber a bola em condições de jogo, o atleta deveria se posicionar corretamente e aguardar o momento exato do passe para avançar para o ataque (Diário de Campo, Treino 1)”

- Mudanças estruturais na quadra e limitação de toques:

“Jogamos na quadra grande, porém as goleiras foram colocadas nas laterais, posicionadas na diagonal uma da outra. Além disso, foi imposta a limitação de 2 toques na bola para cada atleta ao receber esta. Este jogo teve como objetivo desenvolver o jogo de futsal de uma forma diferente da habitual, modificando o sentido da quadra e a posição das goleiras, fazendo com que os atletas se adaptem a “nova” quadra e se organizem taticamente nesta (Diário de Campo, Treino 4).”

Através destas atividades de Jogos Condicionados, é possível perceber a ênfase do caráter tático, através da resolução de problemas do jogo, adaptação a novas estruturas e limitações. Fazendo com que os atletas tenham que lidar com estas condições, as quais geralmente estavam direcionadas aos objetivos da sessão de treino, o treinador mantinha sua atenção ao desenvolvimento da inteligência tática da sua equipe.

As Atividades Situacionais também foram destaque nas sessões analisadas por este estudo, tendo sido observadas em proporção equilibrada aos Jogos Condicionados. Os exercícios situacionais foram utilizados em todos os treinos, quase sempre na parte principal destes, tendo um objetivo específico determinado. São exemplos destas atividades:

- Finalização e Retorno de quadra:

“A segunda atividade consistiu em um treino de finalização com elementos de jogo, ou seja, um treino situacional. Atacavam 2 jogadores contra 1 defensor enquanto outro defensor fazia um retorno de quadra. Deste modo, os atacantes deveriam executar a finalização da jogada o mais rápido possível para aproveitar a superioridade numérica (Diário de Campo, Treino 1).”

- Contra-ataque e transição defensiva:

“O exercício foi Situacional, sendo os atletas divididos em 2 equipes. A equipe 1 iniciava atacando do centro da quadra em uma situação de superioridade de 3x2. Após o ataque, o goleiro lançava a bola para um atleta da equipe 2 posicionado no campo de ataque, ocorrendo um ataque 3x3 da equipe 2, porém forçando os atletas da equipe 1 a retornarem rapidamente a sua quadra de defesa. Finalmente, após este ataque, a equipe 1 recebia uma bola lançada no meio da quadra para efetuar um novo contra-ataque de 3x3 (Diário de Campo, Treino 2).”

- Situações específicas do jogo (goleiro linha):

“O treino seguinte teve como objetivo a marcação em relação ao goleiro linha adversário, ou seja, uma situação de superioridade numérica muito comum no futsal moderno, focando principalmente na transição defensiva entre um posicionamento em “losango” e “quadrado”. Este posicionamento varia conforme o adversário se posiciona, estando com 1 armador (marcação “losango”) ou 2 armadores (marcação “quadrado”). O treino situacional utilizava meia quadra, na qual o time de defesa se posicionava com 1 goleiro e 4 marcadores inicialmente em losango. O time de ataque possuía 7 atletas, porém estes eram limitados por zonas de atuação, estando 1 na armação, 4 nas alas, 1 no meio e 1 no fundo de quadra (Diário de Campo, Treino 6).”

- Jogadas ensaiadas:

“O treino consistia em uma situação de lateral ofensiva, na qual fazíamos uma jogada ensaiada, seguida de diversas reposições de bola e ataques consecutivos. Seguindo esta metodologia, treinamos a situação de saída de bola com o goleiro sob marcação pressão, prosseguindo para diversas reposições de bola e ataques consecutivos (Diário de Campo, Treino 5).”

A partir destas observações, pude analisar que as Atividades Situacionais foram utilizadas nas sessões de treinamento para dar ênfase a fatores específicos do jogo, podendo ser exemplificados principalmente pelas transições ofensivas e defensivas, que englobam o contra-ataque, finalização e retorno de quadra, e pelo treinamento de jogadas ensaiadas e situações específicas do jogo de futsal, como jogadas de escanteio ou lateral e movimentações de ataque e defesa com uso do goleiro linha.

Percebo que para desenvolver os fundamentos do jogo em si o treinador prefere a utilização dos jogos condicionados em relação à utilização do Jogo Formal. Entretanto, é necessária para o bom desenvolvimento da equipe a utilização desta metodologia, visto que ela propõe a realidade do jogo semelhante ao das competições. Além disso, este método é unanimidade entre os atletas, que às vezes até reclamam pela falta da utilização deste:

“[...] o treinador fez um treino de coletivo, ou seja, utilizando pela primeira vez o método global, no qual jogamos o jogo de forma livre. Alguns atletas até fizeram brincadeiras em relação ao “milagre” de termos jogo livre (Diário de Campo, Treino 3).”

O Jogo Formal, ou o jogo de futsal sem condicionantes, foi observado em metade dos treinos observados, geralmente aplicado na finalização destas sessões. Os objetivos do jogo formal normalmente são voltados para a prática do futsal globalizado, dando liberdade para os atletas transferirem os seus aprendizados para o jogo, tendo espaço para desenvolver sua criatividade. Mesmo tendo este espaço mais “livre”, o treinador sempre solicitou que mantivéssemos o foco e efetuássemos as jogadas ensaiadas:

“Aproveitamos ao máximo este treino para jogar, porém sem perder o foco do que treinamos até o momento em relação a movimentações de ataque e defesa (Diário de Campo, Treino 3).”

“Neste treino pela primeira vez na temporada tivemos um maior tempo de coletivo, ou seja, o método global. Fizemos partidas alternadas ao longo de 30 minutos, com uma grande cobrança do treinador em relação ao posicionamento da defesa (Diário de Campo, Treino 4).”

Além do seu caráter global de treinamento, o Jogo Formal também foi destacado em um formato mais recreativo, principalmente no final dos treinos, proporcionando uma maior descontração e integração dos atletas entre si, em uma competição saudável:

“Finalizamos o treino com um pouco de jogo livre de futsal, de forma mais descontraída, sendo que cada jogo durava 2 minutos ou 1 gol (Diário de Campo, Treino 5).”

As atividades embasadas na metodologia Recreativa também foram observadas nas sessões de treinamento, porém em quantidade escassa. As Atividades Recreativas foram notadas no início e no final de treino, sempre mantendo seu caráter lúdico, gerando risadas e provocações sadias entre os atletas. Pude observar a utilização destas atividades em situações pré-treino, como a brincadeira de “bobinho”, a qual certamente é uma das prediletas dos jogadores:

“Antes de o treino começar, os atletas que chegavam no ginásio iniciaram a clássica brincadeira de “bobinho” no centro da quadra, tendo como objetivo principal a confraternização e descontração dos atletas, através de provocações e piadas (Diário de Campo, Treino 7).”

Foi observada também a utilização de uma Atividade Recreativa em forma de aquecimento:

“Fomos divididos em 2 equipes e nos confrontamos em um jogo que misturava voleibol e futsal, de cunho recreativo. As goleiras foram colocadas no centro da quadra, lado a lado, estando uma voltada para um lado e outra para o outro, formando uma espécie de rede. O jogo iniciava com o saque com a bola de voleibol seguindo para um “rally” deste esporte, com defesas, levantadas e cortadas. Terminando a jogada, a equipe que vencera o ponto recebia a bola de futsal e tentava fazer gol em qualquer uma das goleiras de futsal. Se um time roubasse a bola do outro, deveria inverter o lado da quadra para poder fazer o gol. Terminando a jogada de futsal, com um gol ou a saída da bola, reiniciava a jogada de voleibol. O jogo tinha como objetivo principal o aquecimento articular dos atletas, e junto com esse processo a integração do grupo de forma recreativa também era visada. O jogo foi bastante divertido e gerou situações inusitadas que provocaram risos e provocações dos atletas (Diário de Campo, Treino 6).”

Além disso, apesar de se apresentarem como jogos condicionados ou formais, registrei atividades no final do treino com um caráter recreativo:

“Após esta conversa, tivemos 15 minutos de jogo livre, recreativo. Fizemos o jogo clássico de veteranos x novatos, com a condição de “quem erra sai”, para ocorrer a troca constante de atletas no jogo. Diferentemente do último enfrentamento, os veteranos venceram e fizeram suas provocações sobre os atletas novatos, gerando risos e uma boa confraternização da equipe (Diário de Campo, Treino 8).”

De fato, este tipo de atividades possui funções importantes no cotidiano de uma equipe esportiva, tendo como principal objetivo a integração do grupo, além de aliviar a tensão dos treinos. Estas podem ser aplicadas principalmente na etapa inicial do treino, sendo aproveitada para aquecimento, ou no formato de jogo no final do treino, disponibilizando aos atletas um momento de descontração essencial para o desenvolvimento da equipe em si.

Enfim, destaco que em nenhuma das oito sessões de treinamento notei a presença de Atividades Analíticas, demonstrando assim que esta metodologia não é muito utilizada pelo treinador da equipe. Entretanto, com base na minha experiência como atleta desta equipe, presenciei a aplicação deste tipo de metodologia em algumas raras ocasiões. As Atividades Analíticas são utilizadas pelo treinador especialmente em exercícios da técnica de finalização ao gol e de introdução à novas movimentações ofensivas, as quais são repetidas sem ocorrer marcação, de forma educativa e progressiva.

Portanto, partindo das observações feitas, dos registros no diário de campo e minha própria vivência como atleta da Equipe de Futsal UFRGS, tenho a percepção de que as metodologias mais utilizadas pelo treinador são os Jogos Condicionados e as Atividades Situacionais. Os Jogos Situacionais, de modo geral, são aplicados em todas as etapas do treinamento, tendo seus objetivos voltados para diversas dimensões da tática, visando sempre o desenvolvimento do jogador inteligente e adaptável aos diversos problemas que o dinamismo do jogo de Futsal apresenta. O registro das Atividades Situacionais foi feito essencialmente na parte principal do treino, tendo um enfoque no treinamento de finalizações de jogadas, nas transições ofensivas e defensivas e na prática de jogadas ensaiadas, sempre buscando a proposta de assemelhar ao máximo possível o treino das situações reais de jogo. A utilização do Jogo Formal foi feita em metade dos treinamentos estudados,

normalmente no final destes, disponibilizando aos atletas um momento de aplicação dos seus aprendizados, além de propor, às vezes, a integração e recreação da equipe. Já as Atividades Recreativas, mesmo que escassas, se mostraram importantes para a equipe, em formato de aquecimento ou jogo final, criando assim um ambiente positivo e de união dos jogadores. Por fim, as Atividades Analíticas não foram utilizadas nos treinos observados. Entretanto, partindo das experiências próprias do autor como atleta da equipe, é possível afirmar que esta metodologia é utilizada, raramente, em treinamentos voltados para a técnica de finalização e introdução de movimentações ofensivas.

5 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Com base nos resultados obtidos no processo de observação de oito sessões de treinamento da equipe de Futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na entrevista feita com o treinador desta, foi possível perceber a predominância da utilização de atividades provenientes das metodologias de Jogos Condicionados e Situacionais. Estas escolhas metodológicas corroboram com os ideais de diversos autores importantes da área do ensino-treinamento dos JEC, os quais são contrários às abordagens tradicionais. Estas correntes modernas do ensino esportivo preconizam essencialmente a tática em relação à técnica, com enfoque no desenvolvimento da inteligência tática, na interpretação e aplicação correta dos princípios do jogo e na viabilização da técnica e da criatividade dos atletas (BAYER, 1994; GARGANTA, 1995). Conseqüentemente, o ensino-treinamento tem o potencial de proporcionar alunos-atletas universais, adaptáveis as diversas situações que o jogo lhes expõe (GRECO; BENDA, 1998; KRÖGER; ROTH, 2005). O treinador da equipe justifica a escolha deste tipo de metodologia através da seguinte fala:

“Acho que as metodologias que eu utilizo me possibilitam criar obstáculos diversos pros meus atletas lidarem com novas situações. Neste sentido, fazer com que ele lide com mais dificuldades, colocando alguns objetivos que eu sempre preconizo na minha equipe. Quero que meu atleta tenha tomada de decisão correta, pra isso preciso impor diversas dificuldades pra que ele possa aprender a sair destas, e, além disso, eu preciso que esta tomada de decisão seja rápida. O tempo entre o pensar e o agir deve ficar cada vez menor. Dentro dessa ótica, os jogos condicionados e situacionais propiciam isto, além de melhorar a percepção geral do jogo (Entrevista).”

O treinador afirma que “necessita” que seus atletas tenham uma tomada de decisão rápida e correta, entrando em concordância com o que a literatura respalda em relação ao Futsal moderno, o qual, devido a alterações de regras, evolução da preparação física dos atletas e pela profissionalização das comissões técnicas, se tornou um esporte muito dinâmico (VOSER, 2003). Conforme Greco (1995), a inserção de desafios e obstáculos contextualizados com situações de jogo desenvolve esta tomada de decisão dos atletas, os quais aliam as informações de sua memória e de seus órgãos sensitivos com as suas experiências específicas da prática do Futsal. Quando se trata de treinamento moderno, as metodologias

globalizadas são as mais empregadas, na medida em que interagem aspectos como a criatividade, a imaginação e o pensamento tático dos jogadores (LÓPEZ, 2002 apud SANTANA; PINTO, 2005). Além disso, estas duas metodologias levam em consideração características essenciais dos JEC, tal qual a essência tática e imprevisibilidade do jogo, priorizando, portanto, as razões do fazer em relação ao modo de fazer (GARGANTA, 1995).

É possível perceber a predileção do treinador pela utilização da metodologia de Jogos Condicionados em seus treinamentos, a qual é presença constante nestes, desde a etapa de aquecimento, na parte principal ou até mesmo na parte final do treino, tendo diferentes objetivos para cada etapa. Ao fazer jogos com condições e desafios ao longo da sessão de treino, o treinador procura desenvolver as questões cognitivas dos atletas. Segundo Garganta (1995), nestas atividades o treinador procura orientar e provocar as técnicas do jogo em função da tática, favorecendo a criatividade nas ações do jogo:

“[...] o aquecimento é feito através de jogos que podem gerar melhoras cognitivas no meu jogador, melhorando a velocidade de raciocínio. Jogos com diferentes referências na quadra, como as goleiras nas laterais, fazendo com que o jogador tenha que encontrar novos caminhos na quadra e trazer um novo desafio pra ele (Entrevista).”

Porém, estes desafios quase sempre estão direcionados rumo aos objetivos que o treinador visa para sua equipe, ou seja, buscando “moldar” as movimentações de ataque e defesa desta. Greco (1998) apud Santana e Pinto (2005) explica que nas metodologias globalizadas temos que procurar sempre, em toda forma de jogo e situações, a aplicação da “ideia central do jogo”, levando a equipe sempre a alcançar algum objetivo condizente aos ideais do treinador.

“Geralmente as condições que eu coloco estão relacionadas às situações que eu procuro estabelecer pra minha equipe, pra movimentação ou marcação de maneira geral (Entrevista).”

Em conjunto a estas condicionantes, a presença das Atividades Situacionais também é destacada neste estudo, tendo sido observadas em todas as sessões de treinamento, especialmente em exercícios de transição ofensiva e defensiva, com exercícios de finalização, contra-ataque, retorno de marcação e jogadas ensaiadas. Assim, ao fazer com que seus atletas tenham exposição constante às situações reais de jogo, o treinador parte da ideia proposta por Greco (1995), cujo objetivo paira sob a formação de um jogador inteligente, com tomada de decisão rápida e

correta. Damasceno e Teixeira (2011) preconizam a valorização destas atividades, a partir da criação de uma “desorganização situacional”, com a finalidade de que o atleta tente reorganizar o jogo, encontrando as soluções dos problemas apresentados, aprimorando sua tomada de decisão.

Destaco também a importância que o treinador dá as Atividades Recreativas durante a temporada de treinamentos, tendo como objetivos a descontração do grupo, e, principalmente, fazer com que o atleta universitário tenha prazer e vontade de treinar. Apesar de estas atividades serem relacionadas comumente à iniciação esportiva, na equipe de Futsal da UFRGS sua aplicação é fortemente direcionada a integração do grupo e descontração dos atletas. Concordando com Balzano (2012), ao promover um ambiente saudável e amistoso a estes, podemos enxergar o efeito “antiestressante” desta metodologia no treinamento de Futsal.

“Muitas vezes eu me preocupo com estes fatores e outras vezes eu me preocupo mais em fazer uma atividade lúdica, pra variar, deixar o treino mais alegre e deixando os atletas com mais vontade de treinar (Entrevista).”

“Um atleta de nível universitário precisa estar alegre no treino. Precisa estar disposto a treinar, pois é muito fácil o atleta se desmotivar durante o ano com provas, trabalho, cansaço e diversos outros motivos. Ele precisa estar contente com o treino, sendo este prazeroso para o atleta (Entrevista).”

Voser (1999) exemplifica como vantagens da aplicação deste método o desenvolvimento do processo de sociabilização, desinibição, autoestima e integração do grupo. Ao ser indagado sobre fatores relevantes para o sucesso de uma equipe universitária, o treinador destacou como algo essencial a união do grupo, justificando a utilização de Atividades Recreativas em seus treinamentos.

“Pra mim, uma equipe deve ter uma relação boa uns com os outros. Uma relação de amizade, parceria e respeito, para que na hora do treinamento possa haver uma cobrança entre os atletas, que eles se entendam e essa cobrança não seja exacerbada, trazendo benefícios pra equipe (Entrevista).”

Em relação a utilização das Atividades Analíticas em seus treinamentos, o treinador expõe claramente sua opinião:

“Utilizo pouco o treino analítico. Acho importante sim, mas acho que este método torna o treino um pouco mais “chato” e também fora de situação de jogo. Às vezes tu faz, faz, faz, e na hora do jogo a situação não se apresenta do modo que tu treinou e o atleta não sabe responder direito (Entrevista).”

Santana e Pinto (2005) compartilham desta visão contrária às metodologias tradicionais de ensino-treinamento, afirmando que no jogo de futsal é essencial saber escolher corretamente sua resposta às situações impostas pelo ambiente, e, portanto, uma metodologia centrada na repetição descontextualizada de exercício inibe a criatividade e a tomada de decisões. Além do que, por se tratar de uma equipe de alto nível, a repetição de exercícios descaracterizados e sem desafios tem um resultado negativo na questão motivacional dos atletas (COSTA, 2007; MELO; MELO, 2008). Porém, apesar de não constar nas observações de campo, com base na minha experiência como atleta desta equipe, destaco a presença desta metodologia em raras ocasiões de treinamentos de finalização e introdução às novas movimentações ofensivas. Deste modo, é importante salientar que toda metodologia possui pontos positivos e negativos, cabendo ao treinador determinar sua escolha em função do seu público alvo e objetivos (MUTTI, 2003; SANTANA, 2004; DAMASCENO, 2007).

Por fim, a aplicação do Jogo Formal nos treinamentos da equipe de Futsal da UFRGS foi observada em metade das sessões, porém sendo disponibilizado um tempo reduzido em relação aos Jogos Condicionados e Atividades Situacionais. Garganta (1995) apresenta jogo como maior fator de motivação e indicador de evolução, valorizando a presença deste em todas as etapas do ensino-treinamento esportivo. Garganta (1995) e Santana (2004) *apud* Borges e Voser (2013) defendem o caráter de imprevisibilidade do jogo, valorizando a utilização de jogos com desafios em comparação ao jogo “livre” em si, ressaltando a criatividade e tomada de decisão do atleta ante os obstáculos propostos pelo treinador. Concordando com estes estudos, o treinador utiliza pouco a metodologia do Jogo Formal, evitando o “jogo livre”, preferindo sempre a imposição de regras e obstáculos em quadra. Segundo relato do diário de campo, a escolha metodológica do treinador, quase sempre, agrada os atletas:

“Mesmo no momento de descontração, os atletas aceitaram aplicar uma condição ao jogo, um desafio que aumentava assim a dificuldade da atividade. Creio que o desafio é algo inerente à estes atletas, é algo que estes se acostumaram a enfrentar ao longo de seus treinamentos. Contando com minhas experiências anteriores com esta equipe, creio que a falta de obstáculos no treinamento, a falta de uma metodologia que proponha desafios faz com que estes se desmotivem (Diário de Campo, Treino 1).”

A partir desta passagem, entendo que os atletas da equipe de Futsal da UFRGS necessitam dos desafios e da dificuldade nos treinamentos, sendo sensato, por conseguinte, a aplicação das metodologias de Jogos Condicionados e Situacionais.

Tendo em vista as justificativas do treinador para a escolha das suas metodologias de treinamento, cabe ressaltar as influências que fatores da história de vida de cada indivíduo possuem sobre nossa prática profissional. Tardif (2002) destaca as diferentes fontes do conhecimento dos professores, sendo estes os saberes provenientes da formação profissional, os saberes disciplinares e curriculares, e os saberes experienciais. Embasado na entrevista transcrita, percebo que a iniciação esportiva do treinador ocorreu de forma plural, experienciando vários esportes em escolinhas e na rua:

“Bom, eu sempre fui de todos os esportes. Meu pai sempre me incentivou muito a sair da frente do vídeo game e da televisão ir para umas canchas perto de casa. Meu pai sempre jogou voleibol e eu sempre gostei mais de jogar futebol e futsal. Pegava minha bicicleta pra dar uma volta, corria, sempre gostei. Pegava a minha boal de futebol e ficava jogando basquete sozinho nas canchas até alguém chegar. Sempre tive esse envolvimento forte com o esporte. Escolinha de futsal eu fiz quando era criança, 2 ou 3 anos, não muito tempo. Mas sempre vivi muito o futebol na rua, 2x2, 1x1, o que era viável fazer a gente fazia pra jogar bola (Entrevista).”

Em conjunto com sua iniciação esportiva, o treinador descreve o “espelhamento” na prática de outros treinadores, não necessariamente na área do Futsal:

. “No colégio que eu estudava o basquete e o vôlei eram muito fortes e os treinadores dessas equipes eram reconhecidos. Eu gostava de observar a metodologia de cada e como era feito o treino deles, e já no ensino médio, eu pensava no que estes treinos podia ser importantes pra mim no futuro. O que parecia certo ou errado dentro da minha concepção de treinador (Entrevista).”

Desta forma, enxergo a que a iniciação esportiva plural pela qual o treinador do estudo foi submetido, com experiências em diversos esportes e brincadeiras e jogos de rua, interferiram no modo com que este constrói seus treinamentos e enxerga o esporte em si. Kröger e Roth (2005) valorizam muito a cultura de jogar na rua, afirmando que as crianças devem experimentar e não serem especializadas precocemente. Conforme a entrevista é possível traçar uma relação entre a prática de outros esportes e a observação de outros profissionais da área em relação à

prática atual do treinador. Esta influência remete à “prática transferível”, citada por Bayer (1979) e Garganta (1995), pela qual é possível encontrar denominadores comuns em diferentes esportes, proporcionando assim um ensino global desde a iniciação esportiva.

Em conjunto a estes fatores, a formação acadêmica e a especialização em cursos da área tiveram como função elevar seu conhecimento relativo ao treinamento esportivo.

“A formação acadêmica é extremamente importante no sentido de te dar um norte. Futsal uma boa parte da população já vivenciou, mas a cadeira de futsal em si te traz elementos que te ajudam a conceituar e compreender melhor o esporte. Outras cadeiras são muito importantes, como as da área social, vão te ensinar a lidar com o atleta, lidar com a criança e com diferentes populações. E também cadeiras voltadas para a biologia e fisiologia que te ajudam a compreender as funções relacionadas ao corpo. O que temos que cuidar nos treinos para não exagerar e o que temos de fazer para alcançar os nossos objetivos (Entrevista).”

“Desde que eu ingressei na faculdade eu me interessei por cursos especializados em Futsal. Muitos cursos de Futebol que eu fiz me trouxeram coisas importantes para o Futsal também. Cursos de medicina esportiva também (Entrevista).”

O contato com os saberes da formação profissional trouxeram detalhes essenciais ao processo de construção do estilo de ensino do treinador. Santana (1998) afirma que o ensino do Futsal deve ser feito pelo profissional da área de Educação Física, o qual possui competência para desenvolver o aprendizado, estabelecendo uma metodologia de ensino para dar conta dos conteúdos e objetivos propostos. Esta competência não é desenvolvida apenas pela prática profissional e pela trajetória de vida, passando principalmente por uma formação acadêmica e especializações na área esportiva e educacional.

Em suma, as experiências e apropriações feitas ao longo de sua trajetória de vida até o momento, com uma iniciação esportiva plural, o “espelhamento” em profissionais da área, uma formação acadêmica e especialização profissional, fazem parte da construção do perfil de um treinador e conseqüentemente influenciam suas escolhas metodológicas. Neste caso, percebo que estes fatores citados levaram o treinador do estudo a direcionar suas escolhas às metodologias globais, como os Jogos Condicionados e Atividades Situacionais, condizendo, portanto, com a exigência e dinamicidade que o treinamento de Futsal propõe atualmente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as metodologias de ensino utilizadas pelo treinador da equipe de Futsal masculina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destaco a presença marcante da metodologia de Jogos Condicionados e Atividades Situacionais nos treinamentos, além da utilização do Jogo Formal e de Atividades Recreativas. Ao longo dos treinos observados não foram aplicadas Atividades Analíticas. Porém, com base na experiência como atleta desta equipe, posso afirmar que esta metodologia, apesar de raramente, é utilizada em determinados treinos.

Em relação à estrutura dos treinamentos, foi possível estabelecer um padrão estrutural básico, seguindo geralmente uma progressão didática com início, meio e final. Esta estrutura de treino comumente foi composta por uma conversa inicial, um aquecimento articular generalizado, seguindo para a parte principal do treino, composta por Jogos Condicionados e Atividades Situacionais. Após a parte principal, o treinador aplicava um Jogo Condicionado, o Jogo Formal ou uma Atividade Recreativa, encerrando o treinamento com uma conversa final contendo o *feedback* da sessão de treino. Destaco também a existência de uma conexão entre as atividades propostas pelo treinador, o qual desenvolvia seus objetivos desde os primeiros momentos do treino, elevando a complexidade e se direcionando para a globalização e contextualização dos gestos e situações no jogo real.

Os Jogos Condicionados são uma característica marcante dos treinamentos da Equipe de Futsal UFRGS, sendo observados em todas as sessões e em diferentes etapas destas. Estas atividades foram aplicadas como aquecimento, parte principal e finalização de treino, abordando dimensões variadas do jogo, como movimentações básicas, situações específicas de jogo, além de promover mudanças estruturais da quadra e condicionamento de novas regras. A ênfase dos Jogos Condicionados é a tática do jogo, apresentando problemas e desafios aos atletas de forma que estes busquem a resolução de problemas. O treinador justifica a preferência por esta metodologia afirmando que “necessita” que seus atletas tenham uma tomada de decisão rápida e correta em relação aos problemas que o jogo apresenta, ou seja, precisa de um “jogador inteligente”.

As Atividades Situacionais também foram destaque nas sessões analisadas, sendo observadas na parte principal do treino, com enfoque na transição ofensiva e defensiva, como o contra-ataque e o retorno de quadra, e em situações específicas

do jogo, como o goleiro linha e jogadas ensaiadas. O treinador tem como objetivo desta metodologia a exposição constante de seus atletas às situações reais de jogo, buscando novamente valorizar a tomada de decisão rápida destes, ou seja, diminuir a distância entre o raciocínio e a ação correta contextualizada às situações propostas.

O Jogo Formal foi observado em metade dos treinos observados, geralmente aplicado no final destes, buscando a aplicação dos aprendizados obtidos no treinamento de forma de jogo livre, ou aparecendo em um formato de jogo recreativo. Porém, percebo que o treinador prefere a utilização das metodologias de Jogos Condicionados ou Situacional em relação ao Jogo Formal, visto que estas impõem desafios e obstáculos constantes aos atletas e vitais aos objetivos da equipe, diferentemente do jogo livre.

As Atividades Recreativas foram aplicadas em poucos treinos, no início ou no final destes. Destaco a importância dada pelo treinador a estas atividades, considerando-as essenciais para o sucesso da equipe, tendo como objetivos a integração dos atletas e o efeito “antiestressante” destes exercícios. Para o treinador, um atleta universitário, que treina, estuda e até mesmo trabalha, precisa estar alegre e satisfeito com o treinamento, justificando a utilização desta metodologia.

As Atividades Analíticas não foram notadas em nenhuma das sessões de treino observadas, demonstrando assim que esta metodologia não é muito utilizada pelo treinador da equipe. O treinador justifica esta escolha afirmando que a repetição descontextualizada destes exercícios não responde às exigências do jogo real. Entretanto, com base na minha experiência como atleta desta equipe, presenciei a aplicação deste tipo de metodologia em algumas raras ocasiões, com enfoque na técnica de finalização e introdução a novas movimentações ofensivas.

Por fim, acredito que certas experiências de vida, como iniciação esportiva, formação acadêmica e especialização profissional, são fatores relevantes na construção do perfil do treinador, influenciando suas escolhas metodológicas. Estas vivências direcionaram o treinador do estudo a preferir as metodologias globais, como os Jogos Condicionados e Atividades Situacionais, condizendo, portanto, com a exigência e dinamicidade que o treinamento de Futsal propõe atualmente.

REFERÊNCIAS

BALZANO, O. N. **Metodologia dos jogos Condicionados para o Futsal e Educação Física Escolar**. Porto Alegre: Autor, 2012.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, R. M.; AMORIM, A. C; Futsal Capítulo. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, C. D; OLIVEIRA, A. A. B. **Esportes de invasão**: práticas corporais e a organização do conhecimento. Máringa: Eduem, 2014.

BORGES, R. R. K.; VOSER, R. C.. Análise dos Métodos de Ensino Utilizados em Escolas de Futsal de Porto Alegre. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 18, p. 1-9, 2013. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd180/metodos-de-ensino-em-escolas-de-futsal.htm>>. Acesso em: 18 maio 2016

COSTA, C. F. **Futsal**: aprenda a ensinar. Florianópolis: Visual Books, 2007.

DAMASCENO, G. J. **Aprendizagem No Futsal**: Método Analítico ou Global?. Disponível em:
<<http://www.ferretifutsal.com/recebe.php?cont=Artigos&npag=78626924.php>>. Publicado em 26 nov. 2007. Acesso em: 15 junho 2016

DAMASCENO, G. J.; TEIXEIRA, D. C.; Métodos de treinamento empregado pelos treinadores nas escolinhas de futsal do município de Caratinga, MG e o desenvolvimento da inteligência tática. EFDeportes.com, **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16,n.156,mai. 2011. Disponível em:
<<http://www.efdeportes.com/efd156/metodos-de-treinamento-nas-escolinhas-de-futsal.htm>>. Acesso em: 10 junho 2016

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos, modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.10, n.4, p.99-104, outubro 2002.

DAOLIO, J.; MARQUES, R. F. R. Relato de uma experiência com o ensino de futsal para crianças de 9 a 12 anos. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 169-174, setembro/dezembro, 2003.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 1995.

GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, C. D; OLIVEIRA, A. A. B. **Esportes de invasão**: práticas corporais e a organização do conhecimento. Máringa: Eduem, 2014.

GRAÇA, A.; MESQUITA, I. R. A investigação sobre o ensino dos jogos desportivos: ensinar e aprender as habilidades básicas do jogo. **Rev. Portuguesa de Ciências do Desporto**. vol, 2, n. 5, p. 67-79, 2002

GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. 2ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos**: aplicação no handebol. Campinas, UNICAMP, 1995. 224 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GRECO, P.J.; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal**: da aprendizagem motoraa treinamento técnico, v.1. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

KRÖGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola**: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos. São Paulo: Phorte, 2002.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Rev. Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v.20, n. esp., p. 130-142, 1999.

MELO, R. S.; MELO, L. B. S. **Ensinando futsal**. São Paulo: Sprint, 2008.

MUTTI, D. **Futsal**: da iniciação ao alto nível. São Paulo: Phorte, 2003.

READ, B.; DAVIS, J. D. Enseñanza de los juegos deportivos: câmbio de enfoque. **Apunts**, n. 22, p. 51-56, 1990.

SANTANA, W. C. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. Campinas: Autores Associados, 2004.

SANTANA, W. C. ;PINTO, F. S. Iniciação ao futsal: as crianças jogam para aprender ou aprendem para jogar? EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 10, n.85, jun. 2005. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd85/futsal.htm>> Acesso em: 10 maio 2016.

SANTANA, W. C. Uma proposta de subsídios pedagógicos para o futsal na infância. **Revista Unopar Científica**, Londrina, v.2, n.1, p. 69-85, 1998.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TENROLLER, C. A. **Futsal**: ensino e prática. Canoas: Editora Ulbra, 2004.

VOSER, R.C. **Futsal**: princípios técnicos e táticos. Canoas: ULBRA, 2003.

VOSER, R.C. **Iniciação ao Futsal**. 2 ed. Canoas: ULBRA, 1999.

VOSER, R. C.; GIUSTI, João Gilberto. **O futsal e a escola**: uma perspectiva pedagógica. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

APÊNDICE 1 – DIÁRIO DE CAMPO

TREINO 1 – 31/3 - 19 Atletas

- 1) Aquecimento articular**
- 2) Jogo condicionado: Linha de impedimento c/progressão**
- 3) Situacional: Treino de finalização/situacional – 2x1+1 c/retorno**
- 4) Situacional/Mini-jogo/Físico: Skip + tiro curto - 2x2 c/apoios na quadra reduzida.**
- 5) Jogo Condicionado: “quem erra sai”**

Início este diário de campo com o objetivo de analisar as metodologias de treino utilizadas pelo treinador da equipe masculina de futsal da UFRGS em uma amostra de 8 treinos. As observações serão feitas de modo participante, visto que sou atleta desta mesma equipe e estarei participando ativamente dos treinamentos. Deste modo, acredito que poderei trazer reflexões importantes do ponto de vista do atleta em relação as metodologias de treinos.

O treino iniciou com uma conversa a respeito da performance da equipe até o momento (após aproximadamente 8 treinos) e ouvimos uma cobrança do treinador em relação a postura dos atletas no treino. A reclamação feita foi a de que estávamos em um clima de muita descontração e deveríamos encarar os treinamentos com mais seriedade. Ouvimos com atenção os pedidos e ninguém discordou dos fatos. Partimos para o início do treino com um aquecimento articular coordenado pelo auxiliar técnico/atleta.

A primeira atividade realizada foi um jogo condicionado. Os atletas foram divididos em 2 equipes, ocorrendo um revezamento ao longo da atividade. O objetivo do jogo era trabalhar a saída de pressão através de uma movimentação partindo com 4 jogadores em linha (4-0). Como regra do jogo, a linha do meio de campo seria uma linha de impedimento. Os jogadores só poderiam receber a bola no campo de ataque se no momento do passe estes estivessem no campo de defesa. Esta condição de jogo fez a intensidade elevar, visto que é necessária uma movimentação intensa por parte dos atletas, além de requerer um nível de inteligência técnica e tática para o bom andamento da atividade. Para receber a bola em condições de jogo, o atleta deveria se posicionar corretamente e aguardar o momento exato do passe para avançar para o ataque. Após certo tempo, o treinador liberou a condução de bola para o ataque como uma opção do jogo, facilitando a atividade. Ou seja, ele iniciou com uma condição mais restrita e depois acrescentou um novo elemento que facilitou o jogo. A dificuldade de acertar o passe e o tempo do jogo fez com que às vezes o jogo não evoluísse. Entretanto, observei que o objetivo da atividade foi atingido diversas vezes ao longo desta.

A segunda atividade consistiu em um treino de finalização com elementos de jogo, ou seja, um treino situacional. Atacavam 2 jogadores contra 1 defensor enquanto outro defensor fazia um retorno de quadra. Deste modo, os atacantes deveriam executar a finalização da jogada o mais rápido possível para aproveitar a superioridade numérica. Pude observar que mesmo este sendo um treino de finalização, a contextualização com o jogo não foi esquecida, buscando como alternativa o método situacional. Acredito que a utilização de um método tradicional, analítico, em treinos de

finalização para uma equipe universitária não corresponde ao nível dos atletas, trazendo certa desmotivação para estes. A atividade situacional, mesmo com foco na técnica de finalização, serve como um desafio para os atletas, motivando-os.

Em seguida fomos divididos em 2 equipes novamente. Foi montada uma quadra reduzida, do tamanho de uma quadra de voleibol. A atividade consistia em mini-jogo 2 contra 2, com uma parte inicial voltada para a preparação física (skip e tiro curto), utilizando 2 apoios fora da quadra. Ou seja, 2 x 2 + 2. A atividade teve um resultado muito bom. O duelo situacional de 2 contra 2, cada dupla representando uma equipe despertou nos atletas um sentimento de competição, gerando gritos de comemoração e provocação. Este espírito competitivo é essencial para o andamento do treino, visto que eleva muito o nível de motivação e concentração dos atletas. Certamente este foi o ponto alto do treino, onde todos os atletas estavam motivados pela vitória, doando-se ao máximo.

Ao finalizar o treino, o treinador nos reuniu no centro da quadra para dar seu feedback do treino. O “puxão de orelha” inicial surtiu efeito, resultando em um treino de muito esforço e dedicação da equipe. O feedback foi bastante positivo e os próprios atletas elogiaram a postura de todos no treino. Para terminar o treino, restavam 10 minutos de “rachão”. Dividimos os atletas em 2 equipes, Novatos x Veteranos. Para revezarmos e todos poderem jogar, foi instituída a regra do “erra sai”, ou seja, quem perde a posse de bola é substituído. A instituição desta regra representa para mim um fator interessante. Mesmo no momento de descontração, os atletas aceitaram aplicar uma condição ao jogo, um desafio que aumentava assim a dificuldade da atividade. Creio que o desafio é algo inerente à estes atletas, é algo que estes se acostumaram a enfrentar ao longo de seus treinamentos. Contanto com minhas experiências anteriores com esta equipe, creio que a falta de obstáculos no treinamento, a falta de uma metodologia que proponha desafios faz com que estes se desmotivem. Os Novatos venceram por 3 x 0, resultando em provocações positivas no final do treino.

TREINO 2 – 5 de abril – 18 atletas

- 1) Aquecimento – Posse de bola**
- 2) Situacional – Contra ataque e retorno de quadra**
- 3) Jogo condicionado de zonas e linhas – movimentações de futsal**
- 4) Jogo condicionado – reposição rápida**

O clima estava muito úmido e quente no momento do treino. O ginásio aumentava ainda mais a sensação térmica, de modo que o cansaço e a desidratação foram constantes ao longo do treinamento. Em uma equipe de nível universitário o clima é irrelevante em relação ao ímpeto e vontade de treinar. Estando quente, frio ou chuvoso, a presença dos atletas e intensidade do treino é sempre cobrada.

Após uma conversa inicial rápida, fomos divididos em duplas e separados em 4 quadrantes na meia quadra. Em cada quadrante foram posicionadas duas duplas, ficando 2x2 em um duelo de posse de bola, sem limite de toques. Além disto, 2 atletas era “coringas” e poderiam se deslocar para

qualquer quadrante, criando assim uma situação de superioridade numérica. A atividade consistia em manter a posse de bola com sua dupla em confronto com a outra dupla do seu quadrante, eventualmente com auxílio do “coringa”. Como progressão desta atividade o treinador fez com que ocorresse um duelo de posse de bola entre todos os quadrantes, com duas bolas, sendo que as duplas deveriam cooperar com duplas da mesma cor de colete. A atividade por ser em quadra reduzida e ainda por cima conter muitas regras e divisórias acabou por não ser muito empolgante para os atletas. O objetivo desta era o de aquecimento articular, aproveitando para trabalhar as questões técnicas do passe, drible e movimentação, porém, descontextualizadas do jogo. Creio que neste caso, como no caso de exercícios que não se aplicam no jogo, os atletas perdem um pouco a motivação.

Após aquecermos, o treinador explicou a próxima atividade. O objetivo desta seria finalização e retorno de quadra, dando continuidade ao trabalho já feito anteriormente. O exercício foi Situacional, sendo os atletas divididos em 2 equipes. A equipe 1 iniciava atacando do centro da quadra em uma situação de superioridade de 3x2. Após o ataque, o goleiro lançava a bola para um atleta da equipe 2 posicionado no campo de ataque, ocorrendo um ataque 3x3 da equipe 2, porém forçando os atletas da equipe 1 a retornarem rapidamente a sua quadra de defesa. Finalmente, após este ataque, a equipe 1 recebia uma bola lançada no meio da quadra para efetuar um novo contra-ataque de 3x3. O exercício, por ter uma intensidade alta necessitava a troca constante dos atletas, que revezaram de forma livre. A atividade durou cerca de 20 minutos e empolgou os atletas de modo que a cada ataque os atletas que estavam fora gritavam dicas e comemoravam gols de seu time. Percebo que o treinador se utiliza muito do método situacional para trabalhar a situação do jogo de modo geral, treinando questões técnicas como o passe e a finalização a gol e questões táticas como posicionamento da defesa e movimentações do ataque.

Iniciamos depois um jogo condicionado focado no desenvolvimento da inteligência tática do futsal, forçando os atletas a se movimentarem de forma correta na quadra. O treinador dividiu a quadra em zonas verticais (3 zonas) e em linhas horizontais (5 linhas). Fomos divididos em 3 equipes. As regras do jogo eram direcionadas para as seguintes movimentações após fazer um passe:

- Estando o atleta na zona central da quadra deve este trocar de zona para poder receber novamente a bola.
- Estando o atleta na zona lateral deve trocar de linha para receber novamente a bola.
- O atleta não deve estar necessariamente posicionado nesta nova linha ou zona para receber a bola novamente, mas deve trocar ao menos momentaneamente de zona ou linha.

Deste modo, o exercício “obrigava” os atletas a executarem um dos princípios táticos básicos do futsal, o de passar a bola e se movimentar para receber um novo passe ou apenas desestabilizar a marcação da equipe adversária. Ao longo do exercício percebi e comentei com um atleta e com o próprio treinador da equipe minhas reflexões sobre este jogo e as condições que ele impunha. Em

minha opinião este era um jogo condicionado que não apenas desenvolvia a questão tática, mas também testava a inteligência e a experiência dos atletas com o futsal. Eu, juntamente com um grupo de cerca de 10 atletas (a maioria a mais de 1 ano na equipe), realizamos o jogo praticamente “ignorando” as regras e jogando futsal naturalmente. Isto se deve ao fato de que por termos mais experiência em relação as movimentações táticas as regras do jogo não interferiram muito no nosso modo de jogar. Enquanto isso, atletas iniciantes no futsal de nível avançado jogaram de modo mais “travado”, parecendo desconfortáveis com as condições impostas. Assim, o jogo condicionado proposto pelo treinador teve como objetivo desenvolver a inteligência tática através da movimentação, além de expor ao treinador os atletas que estão mais habituados a estas movimentações.

Para finalizar o treino ocorreu um novo jogo condicionado. A regra trazida foi a de que toda vez que a bola saísse em algum limite de quadra (lateral ou escanteio), outra bola seria repostada pelo treinador. Esta condição fez com que ocorressem diversas situações de contra ataque e retorno de quadra, conseqüentemente elevando o nível de exigência física do jogo.

Terminamos o treino exaustos, tanto pela intensidade do treino quanto pelo calor forte.

TREINO 3 - 7/4 – 21 atletas

1) Aquecimento articular

2) Jogo condicionado – Zonas para defesa

3) Coletivo

4) Situacional – 1x0-2x1-3x2-4x3-4x4 (1min)

5) Mini-jogo – 3x3 – Sem regras

Iniciamos o treinamento de quinta-feira com um aquecimento articular comandado pelo atleta/auxiliar. Após cerca de 5 minutos executando diversas movimentações em quadra nos reunimos com o treinador para iniciar a primeira atividade.

Dando continuidade a progressão tática nos treinamentos, fomos divididos em 4 equipes e partimos para quadra para um jogo condicionado. O enfoque deste foi o posicionamento da defesa em relação ao ataque adversário. Foram marcadas com cones 5 linhas horizontais na quadra que mantinham relação direta com o posicionamento defensivo. No momento em que a bola estivesse com o adversário, o último defensor do time sem a posse de bola deveria se posicionar no mínimo a duas linhas da bola. Assim, o treinador teve como objetivo compactar seu time no momento defensivo, a fim de instaurar seu estilo de marcação. A atividade durou cerca de 25 minutos, ocorrendo um revezamento de equipes em quadra. Por ser o primeiro treino voltado para a questão defensiva, muitos atletas tiveram um desempenho abaixo do normal, visto que estavam mais preocupados com seu posicionamento do que com o jogo em si.

Faltando 20 minutos para o treino da equipe de Hóquei, com a qual dividimos a quadra, o treinador fez um treino de coletivo, ou seja, utilizando pela primeira vez o método global, no qual jogamos o jogo de forma livre. Alguns atletas até fizeram brincadeiras em relação ao “milagre” de termos jogo livre. Aproveitamos ao máximo este treino para jogar, porém sem perder o foco do que treinamos até o momento em relação a movimentações de ataque e defesa.

Ao dividirmos a quadra o treino passa a ser feito em uma quadra de dimensões menores, as quais não se aplicam geralmente nos torneios que disputamos. Deste modo, o treinador normalmente aplica treinos voltados para a parte física e técnica na quadra menor. O treino seguinte foi um exercício já conhecido pelo grupo de atletas, pois já tínhamos feito este em outras ocasiões. Tratou-se de um treinamento situacional no qual ocorreram diversos duelos de ataque contra defesa com superioridade numérica ofensiva. Partiu-se de uma situação de 1 atleta x goleiro, progredindo para 2 x1, 3x2, 4x3 e terminando em um jogo normal (4x4) por cerca de 1 minuto. Este treinamento tinha como objetivo tático a questão do contra-ataque e do retorno de quadra, e como foco técnico a finalização ao gol. Os atletas sempre se motivam com este tipo de treinamento, ocorrendo uma competição entre 2 equipes.

Para finalizar a sessão de treino fomos divididos em 6 trios para jogar mini-jogos de 3x3 com goleiros. A metodologia era direcionada para o método global, visto que o jogo era livre, entretanto o número de jogadores refletia o do jogo oficial. Além disso, o treinador exigiu que mantivéssemos o foco no posicionamento defensivo que tínhamos treinado anteriormente. Os jogos eram curtos e de alta intensidade, ocorrendo uma rotação de times em quadra. Ao longo do treino alguns atletas foram trocados de trio para promover novas experiências no jogo.

Encerramos o treino com uma conversa final, na qual o treinador fez um feedback dos treinos até o momento e explicou em sua prancheta os posicionamentos que treinamos ao longo das últimas semanas.

Após o treino, iniciei uma conversa com o treinador a fim de apresentar algumas reflexões que tive nestes 3 treinos observados e saber um pouco de sua opinião em relação às minhas observações. Relatei a ele algumas situações que achei peculiares, tal qual a pouca utilização do método global e a predominância de jogos condicionados e treinamentos situacionais. Ele concordou com as minhas observações e afirmou que acredita que este padrão deverá se manter ao longo das próximas semanas.

Finalizando minha terceira observação de treino começo a perceber alguns detalhes relacionados à metodologia de treino proposta na equipe de futsal da UFRGS. Nestes 3 treinos percebi a presença marcante de exercícios situacionais, principalmente focados nos quesitos táticos de contra-ataque e retorno de quadra, e principalmente em relação a finalização ao gol, não somente a parte técnica mas também direcionada a parte tática da finalização. Juntamente com este tipo de metodologia, observei também a utilização constante da metodologia de jogos condicionados, quase sempre com o objetivo de introduzir ou desenvolver algum princípio tático como movimentações ofensivas e posicionamento defensivo. Portanto, até o momento, é possível perceber que o treinador se utiliza da metodologia situacional com o objetivo de treinar questões técnicas como a finalização, e propõe jogos condicionados a fim de desenvolver questões voltadas à tática do futsal.

TREINO 4 – 12/4 – 18 ATLETAS

1) Jogo Condicionado - goleira diagonal

2) Jogo condicionado (movimentação/defesa)

3) Coletivo

Para iniciar o treino fomos divididos em 3 equipes para um jogo condicionado. Jogamos na quadra grande, porém as goleiras foram colocadas nas laterais, posicionadas na diagonal uma da outra. Além disso, foi imposta a limitação de 2 toques na bola para cada atleta ao receber esta. Este jogo teve como objetivo desenvolver o jogo de futsal de uma forma diferente da habitual, modificando o sentido da quadra e a posição das goleiras, fazendo com que os atletas se adaptem a “nova” quadra e se organizem taticamente nesta. A atividade foi bastante descontraída e efetiva. Aos poucos as equipes passaram a “encaixar” sua marcação e seu posicionamento em relação a quadra diagonal.

Após a primeira atividade, que tinha também como objetivo o aquecimento articular dos atletas, o treinador iniciou um novo jogo condicionado semelhante ao que tínhamos feito no último treino, porém com uma nova regra. Fomos divididos em 4 times e novamente o jogo teria como foco a movimentação ofensiva, com a adição de uma nova condição voltada para o posicionamento defensivo. A quadra foi dividida em 3 zonas verticais. Estando o atleta na zona central ao fazer um passe, este é obrigado a se movimentar e sair desta zona. A nova condição imposta a marcação é a de que se a equipe que estivesse com a posse de bola conseguisse fazer 3 passes de uma zona lateral para a outra lateral, a equipe receberia a chance de cobrar um tiro livre ao fim do jogo. O objetivo desta condição foi fazer com que a marcação se mantivesse avançada e posicionada corretamente ao ponto de impedir a inversão da bola pelo time adversário, situação que o treinador quer evitar com seu estilo de marcação. O jogo atingiu parcialmente seus objetivos. Em relação às movimentações entre zonas tudo transcorreu corretamente. Entretanto ao longo do jogo ocorreram diversas inversões de bola, pois a defesa não conseguiu se organizar corretamente. Para melhorar esta situação o treinador se reunia com as equipes que estavam fora de quadra para dar instruções táticas sempre que possível. Este feedback durante o treino é extremamente importante na minha opinião, visto que promove diálogo entre atletas e treinador, colocando em questão erros e acertos dos jogos.

Neste treino pela primeira vez na temporada tivemos um maior tempo de coletivo, ou seja, o método global. Fizemos partidas alternadas ao longo de 30 minutos, com uma grande cobrança do treinador em relação ao posicionamento da defesa. Os jogos foram bons, porém a questão tática ainda está em desenvolvimento na equipe. Alguns jogadores mais “antigos” do time se mostraram um pouco irritados com a falta de noções básicas de futsal de novos integrantes do time. Segundo um atleta, os jogos pareciam “peladas” de praça. Tentei explicar para ele que temos que ter paciência com os novos atletas, pois vários não tiveram muito contato com treinamentos de futsal deste nível de

exigência. Acredito serem normais estas falhas táticas que estão ocorrendo nos treinos, pois os jogos condicionados expõem muito as fraquezas dos atletas, pois o foco deste método é exatamente forçar a inteligência tática e a tomada de decisão dos atletas, acontecendo assim erros que não apareceriam em um jogo sem condições especiais.

O treino terminou com uma conversa final do treinador, dando um feedback bastante positivo em relação ao treino. Após a conversa alguns atletas ainda treinaram tiros livres.

TREINO 5 – 14/4 – 20 ATLETAS

1) Aquecimento articular

2) Jogo Condicionado - barreira

3) Situacional (Lateral + Volume)

4) Situacional (Saída de bola + Volume)

5) Jogo Formal (2 min ou 1 gol)

Iniciamos o treino com um aquecimento articular em deslocamento pela quadra guiado pelo auxiliar/atleta. Após o aquecimento fomos divididos em 4 equipes para a um jogo condicionado. Na linha central da quadra foi colocado 2 bancos compridos e alguns cones, fazendo com todo o centro da quadra ficasse inutilizado, exceto as laterais da quadra. Deste modo, a condição do jogo era a de que tanto a bola quanto os atletas só poderiam transitar para o ataque ou para a defesa pelas alas. A marcação foi agressiva, fazendo com que o ataque tivesse que se movimentar e tentar sair da pressão. A impossibilidade de transitar pelo centro deixa as opções de jogo bastante restritas, provocando muitos confrontos individuais e movimentação de fundo de quadra, buscando o espaço livre nas alas. Ao longo do jogo a defesa prevaleceu e os atletas conseguiram melhorar seus posicionamentos táticos exigidos pelo treinador. Após certo tempo de treino, foi liberada a transição da bola alta pelo centro da quadra, facilitando um pouco a atividade, ocorrendo diversos lançamentos nas costas da defesa. Além destas observações táticas, percebi um grau de motivação alto dos atletas ao longo deste atividade, provando mais uma vez que o desafio e condições fazem com que a equipe se concentre e se motive mais do que se estivessem jogando sem nenhuma regra.

Com o início do treino da equipe de Hóquei, utilizamos a quadra pequena para a próxima atividade. O treino consistia em uma situação de lateral ofensiva, na qual fazíamos uma jogada ensaiada, seguida de diversas reposições de bola e ataques consecutivos. Seguindo esta metodologia, treinamos a situação de saída de bola com o goleiro sob marcação pressão, prosseguindo para diversas reposições de bola e ataques consecutivos. Deste modo percebo novamente a metodologia situacional como o método utilizado pelo treinador quando este tem como objetivo treinar jogadas ensaiadas ou quesitos técnicos. O treinamento de futsal moderno requer este tipo de metodologia e os próprios atletas exigem a dinamicidade imposta por este estilo de treino. Ao invés de aplicar exercícios analíticos voltados para a técnica ou para jogadas ensaiadas, metodologias comumente vistas em diversas escolinhas esportivas, o treinador prefere contextualizar a técnica e a tática em situações de jogo, o que a meu ver se mostra muito efetivo. Já em relação ao

método global, no qual os atletas jogam futsal para desenvolver principalmente seu entendimento tático do jogo sob observações e dicas do treinador, percebo a troca deste método pelos jogos condicionados. A partir destes, o treinador impõe condições no jogo com o objetivo de desenvolver uma questão técnica/tática já determinada por este, ou seja, focada no seu objetivo.

Finalizamos o treino com um pouco de jogo livre de futsal, de forma mais descontraída, sendo que cada jogo durava 2 minutos ou 1 gol.

TREINO 6 – 20/4 – 17 ATLETAS

1) Aquecimento – Jogo recreativo Vôlei/Futsal

2) Situacional – Marcação goleiro linha

3) Jogo condicionado – 4x4+1+apoios

4) Jogo Formal

O treino de terça feira iniciou com uma atividade com um estilo diferente das que vimos nas últimas semanas de treino. Fomos divididos em 2 equipes e nos confrontamos em um jogo que misturava voleibol e futsal, de cunho recreativo. As goleiras foram colocadas no centro da quadra, lado a lado, estando uma voltada para um lado e outra para o outro, formando uma espécie de rede. O jogo iniciava com o saque com a bola de voleibol seguindo para um “rally” deste esporte, com defesas, levantadas e cortadas. Terminando a jogada, a equipe que vencera o ponto recebia a bola de futsal e tentava fazer gol em qualquer uma das goleiras de futsal. Se um time roubasse a bola do outro, deveria inverter o lado da quadra para poder fazer o gol. Terminando a jogada de futsal, com um gol ou a saída da bola, reiniciava a jogada de voleibol. O jogo tinha como objetivo principal o aquecimento articular dos atletas, e junto com esse processo a integração do grupo de forma recreativa também era visada. O jogo foi bastante divertido e gerou situações inusitadas que provocaram risos e provocações dos atletas.

Após a atividade recreativa, nos reunimos para enfim iniciar o treino tático de forma mais séria. O treino seguinte teve como objetivo a marcação em relação ao goleiro linha adversário, ou seja, uma situação de superioridade numérica muito comum no futsal moderno, focando principalmente na transição defensiva entre um posicionamento em “losango” e “quadrado”. Este posicionamento varia conforme o adversário se posiciona, estando com 1 armador(marcação “losango”) ou 2 armadores (marcação “quadrado”). O treino situacional utilizava meia quadra, na qual o time de defesa se posicionava com 1 goleiro e 4 marcadores inicialmente em losango. O time de ataque possuía 7 atletas, porém estes eram limitados por zonas de atuação, estando 1 na armação, 4 nas alas, 1 no meio e 1 no fundo de quadra. O time atacante deveria envolver a marcação com passes e tentar fazer o gol, enquanto a defesa deveria roubar a bola e conduzi-la entre pequenas “goleirinhas” formadas por cones nas laterais da quadra. Além disso, o treinador a qualquer momento poderia gritar o comando “troca esquerda/direita”, fazendo com que os atletas da equipe atacante trocassem de posições, modificando assim o número de armadores e conseqüentemente o posicionamento defensivo da outra equipe. Esta atividade de cunho situacional certamente não teria

sucesso em uma equipe amadora ou iniciante no futsal, devido ao alto grau de exigência tática envolvido, com diversas regras, limitações e variáveis existentes. A atividade iniciou lenta, com os atletas testando-a e entendendo seu propósito aos poucos. Os times foram sendo trocados ao longo do treino para que todos experienciassem todas as posições. Após cerca de 30 minutos encerramos a atividade com êxito, atingindo os objetivos propostos pelo treinador.

O próximo exercício consistiu em uma progressão do exercício anterior, sendo um jogo condicionado focado no posicionamento defensivo, estando em inferioridade numérica/goleiro linha. Fomos divididos em 3 equipes, 2 se enfrentando dentro da quadra, e a terceira fora da quadra atuando como “apoios” nas alas, além de jogador “coringa” em quadra (auxilia o time que tem a posse de bola). Deste modo, a equipe que tinha a posse de bola estaria sempre em superioridade numérica de 4 jogadores mais o “coringa”, além de contar com outros 3 “apoios” fora de quadra. Além disso, ao efetuar um passe solado para trás, em direção a um dos “apoios”, este jogador entra no jogo no lugar do “coringa”, o qual vira “apoio”. A atividade não transcorreu muito bem devido a diversos fatores, como exemplo o grande número de atletas envolvidos em um mesmo jogo, muitas condições impostas e até mesmo a falta de vontade de alguns atletas que pareciam não estar em um bom dia para treinar. O fato é que a atividade não atingiu completamente os objetivos propostos pelo treinador, perdendo um pouco o foco defensivo proposto.

Por fim, o treinador liberou os atletas um pouco mais cedo do que o previsto e deixou aqueles que quisessem jogar de forma livre. O treinador tinha um compromisso importante e teve de sair também. Foram montadas 2 equipes que se enfrentaram até o fim do treino. O jogo iniciou de forma organizada, porém aos poucos os atletas começaram a brincar demasiadamente, perdendo o foco do treino. Novamente percebo que a falta de desafio, e até mesmo a falta de supervisão momentânea do treinador, faz com que os atletas percam um pouco a concentração no treino, provando sua necessidade pelo desafio nos treinos.

TREINO 7 – 26/4 – 18 ATLETAS

1) Aquecimento

2) Situacional - 3X3 com bola “falsa”

3) Situacional - 4x4 com bola “falsa”

4) Situacional - Ativação da marcação

5) Jogo condicionado - 5x5 com bola “falsa”

6) Jogo condicionado - “quem erra sai”

Após 1 semana sem treinos devido a um feriado na quinta-feira passada voltamos a treinar nesta terça feira. Com a chegada de uma frente fria no estado, os atletas chegavam com olhares desanimados e agasalhados em razão do clima. Antes de o treino começar, os atletas que chegavam ao ginásio iniciaram a clássica brincadeira de “bobinho” no centro da quadra, tendo como objetivo principal a confraternização e descontração dos atletas, através de provocações e piadas.

Para começar o treino, fizemos um aquecimento articular guiado pelo atleta/auxiliar a fim de esquentar o corpo e espantar a preguiça trazida pelo frio. Terminando o aquecimento, fomos divididos em 4 equipes ficando 2 equipes em cada lado da quadra, utilizando a quadra pequena. O jogo consistia em uma situação de 3x3, ataque x defesa em uma única goleira. O trio defensivo segurava uma bola nas mãos, sendo que o atleta que segurasse a bola não poderia tocar na bola do time atacante. Deste modo, os 3 atletas da equipe defensiva deveriam se posicionar corretamente e trocar a bola de mãos em relação a movimentação de ataque do adversário. Ao roubar a bola, a equipe de defesa deveria conduzi-la através de uma linha para inverter a condição de ataque e defesa. A atividade teve como objetivo dar continuidade ao aquecimento e introduzir o foco principal do treino que foi o posicionamento defensivo, principalmente voltado para a marcação de “vigilância” feita pelo fixo do time. A maioria dos atletas já tinha feito esta atividade em outras oportunidades, já sabendo como se posicionar e trocar a bola de mãos na condição de defesa. A motivação dos atletas começou a se elevar através da competição entre os trios.

A segunda atividade foi uma continuação da anterior, porém sendo uma situação de jogo, 4x4, com a bola “falsa” nas mãos da defesa novamente. O treino foi feito na meia quadra grande, ocorrendo o duelo de 2 equipes em quadra enquanto as outras 2 aguardavam sua vez. Se a equipe de ataque fizesse gol ou a equipe defensiva conduzisse a bola pela linha do meio campo, a equipe de oposição era substituída. Se o tempo determinado se esgotasse, ambas as equipes eram substituídas. O fator da substituição pelo fato de perder o duelo é algo que acirra a rivalidade em quadra, conseqüentemente elevando a motivação dos atletas. Entretanto, o tempo de espera fora de quadra, no frio, foi um fator que trouxe um pouco de descontentamento aos atletas. No entanto, atividade atingiu o seu objetivo e os atletas mantiveram seu foco no treino.

O treino seguinte também foi direcionado para uma situação de ataque x defesa, porém contando com um posicionamento diferente da defesa. O treinador nos reuniu e explicou o posicionamento e suas justificativas. Iríamos nos posicionar em uma espécie de “Y” defensivo, induzindo o adversário a levar a bola para as alas e fechando suas opções de passe, encurralando-o ou “encaixotando-o” como se diz na gíria do futsal. Por ser um posicionamento diferente do que estamos acostumados, os atletas demoraram a se adaptar e o ataque obteve êxito na maioria das situações. Aos poucos alguns atletas mais experientes conseguiram acertar a marcação, porém ao final do treino atingimos poucas vezes o objetivo de encurralar o adversário. Além disso, por ser uma atividade de repetição e termos que revezar as equipes, ou seja, não tendo muita dinamicidade, alguns atletas começaram a demonstrar descontentamento. Um atleta se aproximou de mim e falou “Esse treino é muito chato. Eu venho aqui pra jogar e tenho que fazer esses treinos. Perco toda a vontade no treino”. Concordo que o este terceiro treino foi um pouco desmotivante, mas acredito que o treinamento nem sempre será composto por jogos e dinamismo, pois eventualmente temos que treinar questões mais táticas que requerem repetição.

Sabendo que a atividade iria “esfriar” um pouco a equipe, o treinador nos deixou escolher 3 times e jogamos um jogo condicionado no qual demos prosseguimento ao treino situacional do início. Jogamos 5 x 5 com uma bola “falsa” para cada time. Como condição adicional, a bola “falsa” da equipe que estivesse atacando deveria ser conduzida ou passada com os pés, enquanto a bola

“falsa” da equipe que estivesse defendendo poderia ser conduzida ou passada com as mãos. A bola “falsa” inutilizava o jogador que tinha sua posse, fazendo com que os atletas tivessem que entender o momento correto de passá-la a fim de serem mais efetivos no ataque ou na defesa. O jogo elevou o nível de motivação do time e, mesmo não ocorrendo um jogo muito organizado, ficamos satisfeitos com o resultado do jogo. Algumas equipes conseguiram jogar com a bola “falsa” de modo organizado, entendendo o propósito do jogo, e outras equipes se confundiram um pouco com a atividade.

Para terminar o treino, jogamos com as mesmas equipes o jogo condicionado “quem erra sai”, já conhecido pelos atletas, com um clima de mais descontração e brincadeira. Após esta atividade, nos reunimos com treinador e conversamos sobre o treino, pontos positivos e negativos. O treinador nos chamou atenção para uma movimentação importante que alguns atletas estavam se equivocando, a qual consistia em dar linha de passe para o companheiro de equipe no centro de quadra e continuar sua movimentação, sem estacionar no meio. Achei interessante que neste momento um atleta que possui mais experiência do que a maioria em quadra explicou sua opinião sobre a movimentação, de modo que até mesmo o treinador não tinha conseguido explicar. Acredito que esta participação de atletas mais “rodados” seja importantíssima para o desenvolvimento tático da equipe.

TREINO 8 – 28/4 – 17 ATLETAS

- 1) Aquecimento**
- 2) Situacional – Bobinho + ataque duplo**
- 3) Situacional – 4x2 com indução**
- 4) Situacional – 4x2+1 com indução**
- 5) Situacional – marcação Y com indução – 4x4 e 5x4 (gol linha)**
- 6) Situacional – Escanteio + gol linha**
- 7) Jogo condicionado – quem erra sai**

Em mais uma noite fria de Porto Alegre, iniciamos nosso treinamento novamente com uma sequência de movimentação articular ao longo da quadra, para “espantar” o frio e entrar no clima de treino.

Fomos divididos em 2 equipes para dar início ao primeiro exercício, que consistia em 2 fases. No centro da quadra foi formado um quadrado de cones, e nos quatro cantos da quadra, no lado de fora, foram colocados cones em sequência. A atividade iniciava com 4 integrantes da equipe A, cada um posicionado em um lado do quadrado, trocando passes sem deixar que o integrante da equipe B, no centro do quadrado, roubasse a bola. O objetivo do marcador era impedir a troca de bola entre jogadores de lados opostos do quadrado. Enquanto este exercício ocorria, 4 integrantes da equipe B executavam o movimento de skip lateral nos cones, fora da quadra. Ao ouvir o apito, os 4 integrantes da equipe B deveriam tentar fazer gol em qualquer uma das

goleiras, enquanto os 5 integrantes da equipe B deveriam tentar impedir. Esta segunda parte da atividade é muito semelhante à outra atividade que fizemos no início da temporada de treinos. Os atletas inicialmente se mostraram um pouco confusos com tantas regras e troca de etapas, fazendo com que a atividade não fosse tão dinâmica quanto o esperado. Aos poucos fomos acertando as trocas e conseguimos executar o exercício. Além de dar continuidade ao processo de aquecimento, este treinamento teve como objetivo introduzir o foco principal do dia, o de indução da defesa sobre o ataque. Induzir no futsal significa forçar o adversário a se deslocar com a bola para determinado espaço da quadra, se posicionando de forma a fazer com que o oponente leve a bola para o espaço desejado pela marcação. Esta movimentação requer bastante treinamento e cooperação entre atletas, visto que se um dos marcadores não se posicionar corretamente toda a movimentação poderá falhar.

Dando continuidade ao objetivo do treino, o treinador propôs uma nova atividade situacional, que foi progredindo a partir de exercícios simples até situações e jogo formal. Primeiramente fizemos um treino situacional de 4x2, onde o ataque poderia apenas dar 2 toques na bola. Os defensores deveriam induzir o adversário para as alas, fechando a linha de passe do meio da quadra para impedir a inversão rasteira da jogada. Após isto, passamos para um ataque 4x2 com +1 defensor em retorno de quadra para auxiliar. Finalmente, depois de várias repetições com ambas as equipes, passamos para um treino situacional 4x4, com marcação em "Y", forçando a indução na ala. Este exercício foi o mesmo do último treino, porém com progressão para um ataque de 5x4, treinando a marcação de goleiro linha. Esta progressão, mesmo que dinâmica, teve um grande foco tático voltado para o posicionamento defensivo, indução, cobertura e fechar linhas de passe. Novamente a cooperação se mostra como um fator essencial ao treinamento, apresentando o trabalho em equipe como a característica principal do Futsal. Entretanto, a repetição de situações trouxe certa desmotivação para alguns alunos, que estavam sentindo falta do jogo.

Para o prosseguimento do treino, trabalhamos situações de ataque x defesa, partindo de uma cobrança de escanteio com jogada ensaiada e, após a finalização da jogada, ocorrendo 4 ataques de goleiro linha. A atividade se assemelhou mais com o jogo, por sua dinamicidade, porém ainda sentimos falta de jogo.

Para finalizar o treino, o treinador nos reuniu e elogiou o nosso esforço no treinamento. Tivemos uma semana de treinos voltados para situações de marcação e posicionamento defensivo, o que normalmente pode gerar desmotivação a alguns atletas, os quais preferem atacar do que marcar. Porém, tanto no Futsal quanto em outros esportes de invasão, o fator defensivo é tão essencial quanto o ofensivo, devendo ocorrer um equilíbrio destes fatores para o bom funcionamento da equipe.

Após esta conversa, tivemos 15 minutos de jogo livre, recreativo. Fizemos o jogo clássico de veteranos x novatos, com a condição de "quem erra sai", para ocorrer a troca constante de atletas no jogo. Diferentemente do último enfrentamento, os veteranos venceram e fizeram suas provocações sobre os atletas novatos, gerando risos e uma boa confraternização da equipe.

Finalizo nesta data o 8º treino observado na equipe de futsal masculino da UFRGS. Ao longo destas observações pude destacar a presença marcante de metodologias de treinamento voltadas para situações de jogo e jogos condicionados, que segundo a literatura da área são relacionados diretamente com questões de inteligência tática e entendimento do jogo. Posso destacar também a ausência do método analítico, centrado na técnica, e pouca presença do método global, do jogo formal. A partir destes destaques e de reflexões trazidas ao longo do período de observações, aliado com as referências na literatura de treinamento de JEC e de futsal, pretendo analisar as metodologias de treino utilizadas na equipe UFRGS.

APÊNDICE 2 - ENTREVISTA

DATA: 6 de maio de 2016 LOCAL: ESEF/UFRGS

A: Me faz uma apresentação introdutória tua em relação a tua formação acadêmica e ocupação atual.

J: Tenho 26 anos. Me formei em Educação Física no ano de 2012, no segundo semestre. Ingressei na faculdade em 2008. Hoje eu curso a graduação do curso de fisioterapia, desde 2014. Hoje eu trabalho principalmente com futsal, em escolinha e na equipe universitária masculina. Já trabalhei muito tempo na equipe universitária feminina. Comecei a trabalhar com futsal logo que eu entrei na faculdade, no meu segundo semestre. Eu jogava futsal no colégio, e quando entrei na faculdade eu pedi pro meu professor de Futsal do meu colégio uma vaga para trabalhar com ele ou fazer um estágio, e aprender um pouco. Comecei então a trabalhar com treinamento de goleiros, para crianças de 11 até 17 anos. Na metade de 2009, o Rafael, que era preparador físico da equipe de futsal feminino da UFRGS, me fez um convite pra trabalhar com futsal na UFRGS, também com treinamento de goleiros. Então, no segundo semestre de 2009 eu comecei a trabalhar junto a equipe de futsal feminino, como preparador de goleiras e auxiliar técnico até o ano de 2011. No início do ano o Rafael se formou e saiu da equipe, e então eu me tornei o treinador da equipe de futsal feminino. Acho que foi aonde eu mais cresci profissionalmente. Bastante aprendizado no lidar, no passar o treino, no conversar e em como vivenciar o jogo. Dei a sorte de ganhar títulos importantes. No ano de 2015 eu quis um desafio novo pra mim. A equipe masculina estava sem treinador e eu quis esta vaga. Falei com o professor Voser, que é o coordenador do projeto, sobre meu interesse na vaga e ele deu todo o apoio. Então desde 2015 eu sou o treinador da equipe masculina de futsal da UFRGS. Além disso, em 2015 eu quis me desafiar a voltar as goleiras da equipe de futsal feminino, pois achei que seria bastante interessante ver o que eu tinha de novo pra trazer nesse aspecto e isso foi bom pra mim. Foi uma experiência bem boa, tanto a que estou vivendo como treinador do masculino quanto ter voltado novamente ao treino de goleiras.

A: Como se deu a tua iniciação esportiva? Tens alguma experiência que tu lembra que possa ter influência na tua atuação profissional hoje?

J: Bom, eu sempre fui de todos os esportes. Meu pai sempre me incentivou muito a sair da frente do video game e da tv ir para umas canchas perto de casa. Meu pai sempre jogou voleibol e eu sempre gostei mais de jogar futebol e futsal. Pegava minha bicicleta pra dar uma volta, corria, sempre gostei. Pegava a minha bola de futebol e ficava jogando basquete sozinho nas canchas até alguém chegar. Sempre tive esse envolvimento forte com o esporte. Escolinha de futsal eu fiz quando era criança, 2 ou 3 anos, não muito tempo. Mas sempre vivi muito o futebol na rua, 2x2, 1x1, o que era viável fazer a gente fazia pra jogar bola. No colégio eu joguei na equipe da oitava série até o final do ensino médio, com alguns momentos que parei de participar. Mas a maior parte do tempo participei, pois

entrei em um colégio particular que tinha equipe esportiva. Além do Futsal, também joguei voleibol no colégio por pouco tempo. Mas acho que essa vivência no voleibol foi bastante importante pra mim porque a partir disso eu comecei a assistir vários jogos de vôlei, de basquete, de futsal, e treinos dessas modalidades. No colégio que eu estudava o basquete e o vôlei eram muito fortes e os treinadores dessas equipes eram reconhecidos. Eu gostava de observar a metodologia de cada e como era feito o treino deles, e já no ensino médio eu já pensava no que estes treinos podia ser importantes pra mim no futuro. O que parecia certo ou errado dentro da minha concepção de treinador.

A: Em relação a tua formação acadêmica aqui na ESEF, além da participação no projeto de extensão, o quanto isso foi importante pra ti como treinador?

J: A formação acadêmica é extremamente importante no sentido de te dar um norte. Futsal uma boa parte da população já vivenciou, mas a cadeira de futsal em si te traz elementos que te ajudam a conceituar e compreender melhor o esporte. Outras cadeiras muito importantes, como as da área social, vão te ensinar a lidar com o atleta, lidar com a criança e com diferentes populações. E também cadeiras voltadas para a biologia e fisiologia que te ajudam a compreender as funções relacionadas ao corpo. O que temos que cuidar nos treinos para não exagerar e o que temos de fazer para alcançar os nossos objetivos. Além disso, desde que eu entrei na faculdade, sempre tive certeza que minha área de atuação seria o esporte. Não necessariamente no Futsal, mas no esporte. Então nas cadeiras de esporte, observando tudo que eu poderia tirar de uma cadeira e trazer para outra, eu fazia. Inclusive trabalhei um pouco com voleibol no Colégio Sinodal que eu estudava antigamente. Todas as experiências que eu tive relacionadas aos esportes eu aproveitei de alguma maneira pro Futsal. Desde que eu ingressei na faculdade eu me interessei por cursos especializados em Futsal. Muitos cursos de Futebol que eu fiz me trouxeram coisas importantes para o Futsal também. Cursos de medicina esportiva também. Então, cada passo que eu dei dentro da Academia foi bastante importante pra mim.

A: Em relação ao treinamento de Futsal, como que deve ser estruturado um treino? Que fatores tu leva em consideração pra essa estruturação?

J: Acredito que o treino deve iniciar pelo aquecimento, partindo pra parte principal, sempre de situações mais simples para mais complexas. No aquecimento muitas vezes eu já tento acrescentar algum princípio ou sub-princípio do jogo que darei ênfase ao longo do treino, como por exemplo, a abordagem, que é o momento de buscar a bola, a aproximação do marcador com relação ao adversário, domínio com a sola, sendo que muitos atletas vêm com o vício de dominar a bola com o lado do pé. Depende muito do grupo e da fase de treinamento. Muitas vezes eu me preocupo com estes fatores e outras vezes eu me preocupo mais em fazer uma atividade lúdica, pra variar, deixar o treino mais alegre e deixando os atletas com mais vontade de treinar. Outras vezes o aquecimento é feito através de jogos que podem gerar melhoras cognitivas no meu jogador, melhorando a velocidade de raciocínio. Jogos com diferentes referências na quadra, como as goleiras nas laterais,

fazendo com que o jogador tenha que encontrar novos caminhos na quadra e trazer um novo desafio pra ele. Me preocupo muito neste sentido. O restante do treino eu me preocupo muito em dar continuidade ao que apliquei no aquecimento, juntando os princípios e sub-princípios um no outro. Se eu iniciei no aquecimento com aspectos mais individuais, aos poucos eu vou tornando-os mais globais, mais coletivos, duplas e grupos, dentro de jogos que proporcionam isto. Utilizo pouco o treino analítico. Acho importante sim, mas acho que este método torna o treino um pouco mais “chato” e também fora de situação de jogo. As vezes tu faz, faz, faz, e na hora do jogo a situação não se apresenta do modo que tu treinou e o atleta não sabe responder direito. Acho que os jogos que proporcionem mais situações de jogo são mais importantes que o analítico.

A: Que tipo de metodologias tu mais utiliza nos treinamentos da equipe masculina de Futsal da UFRGS? Qual teu objetivo em relação a estas metodologias?

J: Acredito que o que eu mais utilize sejam jogos situacionais e condicionados, principalmente os condicionados se não estou enganado. A maioria dos jogos são do tipo que os jogadores não podem passar de uma determinada zona, tem que sair por um lugar pra entrar em outro, pra marcar tem que pegar o “chinesinho” no chão, “errou saiu”. Ou seja, vários jogos condicionados nos meus treinos. Geralmente as condições que eu coloco estão relacionados às situações que eu procuro estabelecer pra minha equipe, pra movimentação ou marcação de maneira geral. Os situacionais eu utilizo mais no sentido de treinamento de transições de ataque e defesa. Inicia 3x1 com retorno, e de repente temos um lançamento fazendo com que todos tenham que voltar rapidamente. Portanto, no treinamento de ataque e defesa eu busco mais jogos condicionados e no treinamento de transição eu aplico mais os situacionais.

A: Quais as vantagens que tu enxerga das metodologias que tu utiliza em relação às outras (Analítico, Global, Recreativos, Situacional e Jogos Condicionados)?

J: Acho que as metodologias que eu utilizo me possibilitam criar obstáculos diversos pros meus atletas lidarem com novas situações. Neste sentido, fazer com que ele lide com mais dificuldades, colocando alguns objetivos que eu sempre preconizo na minha equipe. Quero que meu atleta tenha tomada de decisão correta, pra isso preciso impor diversas dificuldades pra que ele possa aprender a sair destas, e, além disso, eu preciso que esta tomada de decisão seja rápida. O tempo entre o pensar e o agir deve ficar cada vez menor. Dentro dessa ótica, os jogos condicionados e situacionais propiciam isto, além de melhorar a percepção geral do jogo. As vezes nos jogos condicionados tu tem que prestar atenção não apenas na tua movimentação, mas também nas ações do teu colega de equipe, pra saber qual será tua próxima ação. Quanto mais rápido a gente conseguir estreitar essa velocidade pensamento, mais próximo da situação de jogo a gente vai estar se encontrando.

A: No futsal universitário, quais características tu vê como essenciais pra uma equipe obter sucesso? O que uma equipe e um atleta devem ter?

J: Pra mim, uma equipe deve ter uma relação boa uns com os outros. Uma relação de amizade, parceria e respeito, para que na hora do treinamento possa haver uma cobrança entre os atletas, que eles se entendam e essa cobrança não seja exacerbada, trazendo benefícios pra equipe. Daqui a pouco, aquele que cobrou consiga tenha a mentalidade que as vezes uma cobrança possa ter sido em excesso, ou que ele pode ter se enganado na cobrança. Acho muito importante para o atleta e pra equipe em geral ter essa relação de amizade e o ter a “cabeça” aberta pra conseguir ouvir os atletas e o treinador, sabendo filtrar as informações. Além disso, um atleta de nível universitário precisa estar alegre no treino. Precisa estar disposto a treinar, pois é muito fácil o atleta se desmotivar durante o ano com provas, trabalho, cansaço e diversos outros motivos. Ele precisa estar contente com o treino, sendo este prazeroso para o atleta. Ele tem que se sentir bem no grupo, para não termos uma defasagem o que pode causar problemas para o grupo. O atleta precisa ter comprometimento, e pra isso ele precisa estar contente com o grupo e com o treino.

A: Tens algo a acrescentar para finalizarmos a entrevista?

J: Acho muito importante para o treinador ter a humildade de entender quando está errado e ouvir seus atletas. Muitas vezes a visão de quem está dentro de quadra é diferente da de quem está fora desta, tanto no jogo quanto no treino. Saber desistir de alguma ideia quando ela parece que não vai dar certo e saber acreditar nos seus ideais mesmo que no início estes não dêem certo. Tem que saber avaliar bem cada situação. É importante ouvir seus atletas, mas às vezes temos que “não ouvi-los”. Certas vezes o atleta vê uma coisa de modo errado e tu sabe que tua ideia ta correta pro momento, porém às vezes a opinião do atleta te traz algo que tu não tinha visto. Saber avaliar cada situação e ter humildade de admitir quando tu está errado ou não.

